



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES – DLA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

**LEITURA, ESCRITA E ENSINO:
A NOTÍCIA E A CRÔNICA JORNALÍSTICA NA SALA DE AULA**

LUCIANA VIEIRA ALVES

CAMPINA GRANDE – PB

2014

LUCIANA VIEIRA ALVES

**LEITURA, ESCRITA E ENSINO:
A NOTÍCIA E A CRÔNICA JORNALÍSTICA NA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Coordenação do Curso de Letras – Língua Portuguesa – da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL- UEPB

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474l Alves, Luciana Vieira.

Leitura, escrita e ensino [manuscrito] : a notícia e a crônica jornalística na sala de aula / Luciana Vieira Alves. - 2014.
58 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Manassés Morais Xavier, Departamento de Letras".

1. Linguística Aplicada. 2. Prática Docente. 3. Textos
Jornalísticos. I. Título.

21. ed. CDD 418

**LEITURA, ESCRITA E ENSINO:
A NOTÍCIA E A CRÔNICA JORNALÍSTICA NA SALA DE AULA**

LUCIANA VIEIRA ALVES

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 10,0
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UFCG)
Orientador

Cléa Gurjão Carneiro NOTA: 10,0
Prof. Ms. Cléa Gurjão Carneiro (UEPB)
Examinadora

Roberta Soares Paiva NOTA: 10,0
Prof. Ms. Roberta Soares Paiva (UEPB)
Examinadora

Trabalho aprovado em: 19 de fevereiro de 2014

Média: 10,0

CAMPINA GRANDE – PB

2014

Ao Deus Autor da minha vida e Consumador da minha fê,
a quem dedico tudo que tenho e sou.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus, a quem dedico toda a minha vida, e a quem me rendo em busca de força e coragem para superar os obstáculos encontrados ao longo do caminho. Nestes anos dedicados à academia, ele me ajudou a vencer todos os desafios e ir até o fim.

A toda minha família, e em especial, à minha mãe (Lúcia de Fátima) e a minha avó materna (Inês Alves- IN MEMÓRIA) que dedicaram a vida, sem medir esforços, para me dar toda educação e suportes necessários para o meu crescimento material e espiritual. São meus maiores exemplos de caráter e fé. A elas tributo um amor incondicional.

Ao meu irmão (Isaac) por tornar os meus dias mais alegres.

Ao meu marido (Rangel Rocha) pela paciência, companheirismo e atenção dedicados a mim. Por ter me incentivado nessa busca incessante por conhecimento, por ter acreditado em meu potencial, por segurar a minha mão e me apoiar nos momentos mais difíceis, e a quem dedico todo meu amor.

Agradeço a todos os professores e funcionários que compõem a Universidade Estadual da Paraíba e que de forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação acadêmica.

Em especial agradeço ao Professor Manassés Moraes Xavier pela atenção e generosidade em aceitar meu convite de orientação e pacientemente ter me dado todo o suporte para o desenvolvimento desse trabalho.

À professora Magliana Rodrigues por me conceder a oportunidade de desenvolver um projeto no PIBID - CAPES, em que obtive um imenso aprendizado. Foi um grande privilégio trabalhar ao lado de pessoas tão competentes, como as bolsistas, supervisoras e coordenadora. As levarei para sempre em meu coração.

A nobre banca composta pelas professoras Roberta Soares Paiva e Cléa Gurjão por terem disponibilizado-se a avaliar este trabalho, meus sinceros agradecimentos.

Por fim, aos amigos de curso, pelas experiências partilhadas ao longo deste percurso. Levo comigo amizades que foram construídas para além do espaço acadêmico.

Aprender gêneros pode ser uma forma de aprender a fazer escolhas responsáveis e deliberadas entre possibilidades existentes de combinação entre forma, conteúdo e valores neles expressos.

(FRANCISCO ALVES FILHO, 2011)

RESUMO

Haja vista que as habilidades de leitura e escrita são fundamentais para o desenvolvimento sócio-discursivo dos indivíduos em todas as áreas da vida e que é através dos gêneros discursivos que essas práticas se realizam, percebe-se a importância de que no ser humano sejam desenvolvidas estas práticas, pois como ser social e racional, ele está em constante contato com seu semelhante e necessita incorporar essas habilidades. Dessa forma, o ensino de língua deve pautar-se no estudo dos gêneros que circulam na sociedade e que possibilitem aos aprendizes desenvolver competências interpretativas e discursivas. Assim, o trabalho com os gêneros da esfera jornalística permite por meio da análise e da reflexão sobre os múltiplos aspectos envolvidos no discurso que compõe o texto, que o aluno construa a própria crítica a partir do que se entendeu do discurso. É o que justifica o desenvolvimento dessa pesquisa e é a fim de lidar com questões relativas ao ensino-aprendizagem dos gêneros discursivos que esta pesquisa objetivou analisar, de modo geral, como se dá o desenvolvimento da competência linguístico-textual, em termos de escrita, leitura e compreensão dos gêneros notícia e crônica jornalística, a partir dessa problemática supracitada como objetivo, desenvolvemos outros dois objetivos específicos: investigar os aspectos positivos e negativos da nossa prática docente, através da autoavaliação de nossas aulas e observar, através das produções textuais feitas pelos discentes e da descrição das nossas aulas, se os mesmos obtiveram um desempenho suficiente ou não na atividade de escrita e de leitura, bem como na aquisição do gênero discursivo. Para embasar o presente trabalho de caráter analítico, constituindo, portanto, a natureza da pesquisa-ação. Partiu-se então dos estudos sobre os gêneros textuais, leitura, escrita e ensino de: Bakhtin (1997); Marcuschi (2008; 2007); Garcez (2001); Antunes (2003); Bueno (2011); Bronckart (1999); dentre outros. Acreditamos que os resultados obtidos foram satisfatórios, possibilitando entender como se dá o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita na aquisição de determinado gênero: um estudo que permitiu a abertura dos caminhos para futuras pesquisas do fazer científico na área da Linguística Aplicada.

Palavras-chave: Leitura. Escrita. Ensino. Gêneros jornalísticos.

ABSTRACT

Considering that the skills of reading and writing are fundamental to the socio-discursive development of individuals in all areas of life and that is through the discursive genres that these practices are carried out, one realizes the importance of the human being is developed these practices, because as a social and rational, he is in constant contact with his neighbor and needs to incorporate these skills. Thus, the teaching of language should be based on the study of genres that circulate in society and to enable learners to develop interpretive and discursive thus skills working with the genres of journalistic sphere allows through analysis and reflection on the multiple aspects involved in the discourse that makes up the text, the student build critique itself from what was understood speech. This justifies the development of this research and is to deal with issues relating to the teaching and learning of speech genres that this study aimed to analyze in general, how is the development of linguistic and textual competence in terms of writing, reading and understanding of news and chronic journalistic genres from that aforementioned problematic aim, we developed two other specific objectives: to investigate the positive and negative aspects of our teaching practice, through self-assessment of our classes and observe, through textual productions made by students and the description of our classes, if they achieved a sufficient or not performance in the activity of writing and reading, as well as the acquisition of discourse genre. To support this work an analytical approach, and therefore is the nature of action research. Then broke from studies of textual genres, reading, writing and teaching: Bakhtin (1997); Marcuschi (2008, 2007); Garcez (2001), Antunes (2003), Bueno (2011); Bronckart (1999), among others. We believe that the results obtained were satisfactory, allowing to understand how is the development of skills in reading and writing in acquiring certain genre : a study that opened the ways for further research of the scientific work in the field of Applied Linguistics .

Keywords: Reading. Writing. Education. Journalistic genres.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Tabela de avaliação das redações do vestibular UEPB- 2014.....	39
--	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 Produção textual- Crônica jornalística.....	40
Figura 02 Produção textual- Crônica jornalística.....	42
Figura 03 Produção textual- Notícia.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - DISCUSSÕES TEÓRICAS	14
1.1 Gêneros textuais: múltiplos olhares	14
1.1.1 Gênero de texto em Bronckart.....	14
1.1.2 Gênero textual em Marcuschi.....	15
1.1.3 Gênero discursivo em Bakhtin.....	16
1.2 Gêneros jornalísticos: notícia e crônica	17
1.3 O gênero discursivo como instrumento de interação social nas aulas de língua portuguesa	19
1.4 Leitura, escrita e ensino: diálogos possíveis	22
CAPÍTULO II - DISCUSSÕES METODOLÓGICAS	28
2.1 Do planejamento didático à pesquisa-ação	28
2.2 Sobre o projeto PIBID- Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco	31
CAPÍTULO III - UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE A PRÁTICA REALIZADA	33
3.1 Refletindo sobre as práticas de leitura e escrita de gêneros jornalísticos em sala de aula	33
3.1.1 Acerca do objeto de análise.....	37
3.2 Avaliando a <i>práxis</i> docente: a autoavaliação	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	52

INTRODUÇÃO

A questão dos gêneros textuais tem recebido muita atenção no campo da educação no Brasil. Isso se deve ao fato de que o texto passou a ser evidenciado no ensino de língua portuguesa como uma unidade que se amplia na concepção dos gêneros, e estes foram tomados como objeto de estudo, passando a serem ferramentas indispensáveis para o ensino de língua, visto que os gêneros são considerados os condutores de todo tipo de análise quer seja linguística, quer seja textual. Logo, são neles que se constituem todo tipo de comunicação verbal e não-verbal.

É por meio das práticas de leitura e escrita de textos verbais e não verbais, que os alunos adquirem conhecimentos linguísticos, gramaticais e de mundo, pois, a partir destes aprendizados, podem usar a língua adequadamente atentando para as várias formas de uso, respeitando cada contexto social.

Assim sendo, tomamos como objeto para análise nesta pesquisa um planejamento didático com foco nos gêneros da esfera jornalística. Dessa maneira, desenvolveu-se uma série de atividades que contribuíram para o desenvolvimento de competências e habilidades de leitura e escrita. Selecionamos dois gêneros dessa esfera: a notícia e a crônica, tendo em vista que os textos jornalísticos aproximam o leitor dos fatos recorrentes do seu dia-a-dia, permitem o desenvolvimento sócio-discursivo e promovem o posicionamento crítico dos discentes diante dos problemas.

Para que se forme um leitor, é necessário que nele seja despertado o prazer da leitura, e para que se forme um leitor crítico é necessário que lhe aproxime do mundo das informações para que o mesmo possa construir sentidos e depois se posicionar. Para tanto, nada melhor do que usar textos jornalísticos com este intuito, pois estes, além de veicular o que acontece no momento, possibilitam trabalhar diferentes gêneros, oferecendo, ao leitor, uma pluralidade de discursos capaz de representar a linguagem na sua forma mais legítima de interação e, além disso, permite que o mesmo tome conhecimento da autenticidade do texto e que seja conhecedor da realidade em que a escola está inserida. Do mesmo modo, para que o discente tem um bom desempenho na atividade de escrita, é preciso que ele esteja a par de toda informação que é veiculada pelos meios de comunicação, para que ele tenha o que dizer em seu texto.

A partir desse contexto, nossa pesquisa de caráter analítico, descritivo, de natureza da pesquisa-ação, objetiva analisar, à luz dos critérios de avaliação para a correção das produções textuais do vestibular da UEPB 2014, como também da descrição de nossas aulas, como se dá

o desenvolvimento da competência linguístico-textual, em termos de escrita, leitura e compreensão dos gêneros textuais notícia e crônica jornalística. Assim, a questão problema que norteou nosso trabalho, buscou compreender como se desenvolve a competência linguístico-textual, no que concernem as habilidades de leitura e escrita, através do estudo dos gêneros da esfera jornalística, nos alunos participantes da pesquisa. A hipótese que inicialmente levantamos para este problema é a que a diversidade de atividades envolvendo as práticas de leitura e escrita contribuem para o ensino-aprendizagem dos gêneros textuais.

Partindo do nosso objetivo principal, ainda especificamos nossos objetivos em: investigar os aspectos positivos e negativos da nossa prática docente através da autoavaliação de nossas aulas e observar, através das produções textuais feitas pelos discentes e da descrição das nossas aulas, se os mesmos obtiveram um desempenho suficiente, ou não, na atividade de escrita e de leitura, bem como na aquisição dos gêneros textuais estudados em sala de aula.

Nesses termos, nos baseamos teoricamente nas reflexões de Bronckart (1999), Marcuschi (2008; 2007) e Bakhtin (1997), que trazem um arcabouço teórico acerca das noções de gênero; Xavier (2010), Menezes (2007), Bueno (2011), dentre outros, que abordam a noção de gêneros jornalísticos; Antunes (2003), Garcez (2001), Pereira (2011), que fazem reflexões acerca das práticas de leitura e escrita no âmbito escolar, bem como nos documentos oficiais da educação, como PCN (2000), OCEM (2006), RCEM- PB (2006), que trazem propostas para o ensino de língua pautado no estudo dos gêneros.

A iniciativa desta pesquisa se deu a partir da necessidade de se investir em práticas de ensino que vislumbrem desenvolver as habilidades leitoras e escritas nos alunos. Para isso, é necessário que o professor se volte para a sua sala de aula, como um pesquisador e investigador da sua própria prática, avaliando não só o desempenho dos alunos, mas também o seu próprio desempenho, buscando possibilidades pedagógicas de melhorar o processo de ensino e, dessa maneira, melhorar a aprendizagem dos discentes.

Diante disso, selecionamos para o *corpus* de análise três produções escritas dos alunos do projeto Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)/ Letras- Nas Trilhas da Língua Portuguesa: o texto em foco, financiado pela CAPES, para avaliarmos até que ponto nossas intervenções em sala de aula contribuíram para o desenvolvimento dos discentes e em quais aspectos podemos melhorar para contribuir no processo de ensino-aprendizagem.

Diante do exposto, dividimos nosso trabalho nesta introdução, em três capítulos e nas considerações finais. No primeiro capítulo, apresentaremos as discussões teóricas sobre os gêneros textuais, nos debruçaremos, mais especificamente, nas perspectivas de gênero de

Bronckart (1999), Bakhtin (1997) e Marcuschi (2008; 2007), também apresentaremos as concepções dos gêneros jornalísticos notícia e crônica e abordaremos os gêneros textuais, leitura e escrita na perspectiva do ensino de língua. No segundo capítulo, há uma explanação acerca dos procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, na qual apresentamos teorias sobre o planejamento didático e a pesquisa-ação. Abordaremos ainda nesse capítulo, acerca do projeto PIBID- Nas Trilhas da Língua Portuguesa: o texto em foco, que subsidiou nossa pesquisa. No terceiro capítulo apresentaremos um olhar analítico sobre a prática em que fizemos no referido projeto, acarretando na análise do *corpus* coletado para fins de demonstração do nível de desenvolvimento dos alunos na aquisição dos gêneros estudados.

Os resultados alcançados em nossa pesquisa são apresentados nas considerações finais, em que foram avaliados e confirmados os objetivos iniciais propostos. Por fim, seguem-se as referências que subsidiaram a construção de nosso trabalho e o apêndice que traz o planejamento didático desenvolvido nas aulas.

CAPÍTULO I - DISCUSSÕES TEÓRICAS

1.1 Gêneros textuais: múltiplos olhares

A discussão sobre gêneros, bastante estudada e propagada no meio acadêmico, é uma questão antiga que vem desde Platão e Aristóteles, na qual faziam a distinção entre tragédia e comédia, no teatro grego, também a oposição entre poesia e prosa ou a distinção entre lírico, épico e dramático, na literatura, e na retórica aristotélica há separação dos gêneros em deliberativo, judiciário e epidíctico. (BUENO, 2011).

Ainda segundo Bueno (2011), a discussão sobre os gêneros na linguística é algo recente, visto que os estudos linguísticos são relativamente novos e no início dedicavam-se mais em estudar as unidades menores que o texto, como os morfemas, lexemas, fonemas. Contudo, quando os estudiosos linguistas passaram a investigar o uso social da língua através dos textos é que surgiu a problemática dos gêneros textuais. A noção de gêneros textuais, assim como na literatura, também possui distinções, pois de acordo com a época, a vertente linguista ou o teórico que a aborda, tal noção é vista de maneiras diferentes. De acordo com Bronckart (1999, *apud* BUENO, 2011),

isso ocorre devido à diversidade de critérios que se levantam quando se trata de definir os gêneros e também porque os gêneros estão em constante movimento, sumindo ou alterando-se, ora para dar surgimento a outros novos, ora para adaptar-se às novas necessidades sociais (BRONCKART, 1999, *apud* BUENO, 2011, p. 26).

Visto isso, abordaremos a noção de gêneros na perspectiva de três teóricos. Apresentaremos, portanto, os conceitos de gêneros de Bronckart (1999), Marcuschi (2008) e Bakhtin (1997).

1.1.1 Gênero de texto em Bronckart

O quadro teórico do ISD (Interacionismo Sociodiscursivo), apresentado por Bronckart (1999), explica que por serem os humanos pertencentes a grupos diferentes, separados geograficamente e por possuírem relações diversas com o mundo, isso faz com que cada

língua tenha sua própria semântica. Desse modo, é através dessa semântica própria que cada língua possui que os mundos são construídos, com uma variação cultural.

Nesse sentido, a variação cultural compõe uma comunidade verbal que constitui múltiplas formações sociais. Tais formações em função de objetivos e interesses próprios elaboram particularidades de funcionamento da língua, o que segundo o estudioso equivale ao conceito de formação sociodiscursiva. Assim sendo, a semiotização dá lugar à atividade de linguagem que se organiza em discursos ou textos e se organizam em gêneros.

Ainda segundo Bronckart (1999), o ISD está centrado na questão das condições externas de produção dos textos, o que provoca um abandono da noção de tipo de texto, em favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Para o pesquisador “conhecer um gênero de texto também é conhecer suas condições de uso, sua pertinência, sua eficácia ou, de forma mais geral, sua **adequação** em relação às características desse contexto social” (BRONCKART 1999, p. 48, negrito do autor). Dessa maneira, a noção de gêneros de texto abordada pelo estudioso é a de que são como unidades comunicativas, sócio-historicamente elaboradas com recursos de uma língua natural e dependentes das situações interativas de atividades de linguagem.

1.1.2 Gênero textual em Marcuschi

A tese defendida por Marcuschi (2008) é a de que a comunicação verbal só é possível por meio de textos que são realizados em algum gênero. Para o autor, gênero textual pode ser entendido como

os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos, definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Desse modo, os gêneros textuais teriam um número ilimitado de possibilidades, visto que em cada situação comunicativa, oral ou escrita, produzimos algum gênero com uma especificidade, um objetivo diferente e que auxiliam para nos expressarmos de diversas maneiras. Assim, os gêneros para Marcuschi (2007), são formas textuais, estáveis, sociais e historicamente situadas.

Ainda na perspectiva desse linguista, os gêneros devem ser vistos como entidades dinâmicas, logo são modos culturais e cognitivos de ação social materializadas de modo peculiar na linguagem. Os gêneros também não devem ser entendidos como unidades formais,

mas como unidades comunicativas nas quais predominam aspectos relativos à função, propósitos, ações e conteúdos.

Há que se dizer também que os gêneros na sociedade são úteis para estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. Nesses termos, o aparecimento dos gêneros na sociedade tem a função principal de regular as trocas comunicativas de modo a aproveitá-las da melhor forma possível.

1.1.3 Gênero discursivo em Bakhtin

Bakhtin (1997) defende que por mais variadas que sejam as esferas da atividade humana, estas sempre se relacionam com a utilização da língua. Desse modo, a utilização da língua é efetuada em forma de enunciados orais ou escritos. E “cada esfera de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*” (BAKHTIN, 1997, p, 280, itálicos do autor).

Isso significa que para o teórico um enunciado organizado e estável constitui um gênero discursivo. Também é importante destacar que para este filósofo da linguagem são três os parâmetros que definem um gênero discursivo, sendo estes: o conteúdo temático, estilo verbal e a construção composicional (estrutura), pois todo discurso possui como característica fundamental: o endereçamento a um destinatário. Dessa forma, aquele a quem me dirijo é que vai determinar o conteúdo, a forma e o estilo do que vou enunciar.

Nessa perspectiva, percebe-se que os gêneros do discurso ampliam-se e diferenciam-se na medida em que as esferas da atividade humana vão se desenvolvendo, em outras palavras, a variedade de gêneros torna-se infinita. No entanto, mesmo com esta infinidade de gêneros discursivos, ainda é possível dividi-los em dois tipos, que Bakhtin classifica como gênero de discurso primário (simples), aqueles advindos de uma comunicação verbal espontânea e que dentro da esfera cotidiana da linguagem podemos exemplificar como sendo a fala, e o gênero de discurso secundário (composto), aqueles advindos de uma comunicação verbal produzida, pertencentes à comunicação cultural mais evoluída, sobretudo a escrita, como por exemplo, o romance, teatro, discurso científico etc. Contudo, os gêneros primários funcionam como base para criação dos gêneros secundários.

Portanto, na perspectiva de Bakhtin estudar os gêneros do discurso significa pensar na linguagem como forma de interação social. Ele defende o caráter social da linguagem ao considerar o enunciado como o produto de uma interação social. Assim sendo, os diferentes

modos de uso da linguagem que variam de acordo com os diversos contextos de atividade humana caracterizam os gêneros do discurso.

Nesta pesquisa nos apropriaremos da perspectiva de gênero do discurso proposta por Bakhtin (1997), tendo em vista que tal perspectiva teórica norteia a grande maioria dos documentos oficiais como os PCN, RCEM-PB, dentre outros, que serviram de base para esta pesquisa, bem como tem auxiliado na construção de teorias e propostas didáticas para o ensino de língua materna.

1.2 Gêneros jornalísticos: notícia e crônica

Os gêneros discursivos situados na esfera jornalística são textos que fazem parte da sociedade e alcançam pessoas com qualquer nível de escolaridade, independentemente de cultura ou nível social. Percebe-se que tais gêneros, além de possuir a função de informar, também possuem a função de construir conhecimento, promover o debate público, bem como estimulam a criticidade. Além disso, na sociedade globalizada em que vivemos, a informação torna-se um bem indispensável para o ser humano, visto que sem ela o indivíduo fica a margem de questões fundamentais que cercam a sociedade, tornando-se leigo e alheio aos seus direitos e deveres enquanto cidadão, podendo, dessa maneira, ser manipulado pela minoria que detém o poder e pelos meios de comunicação que muitas vezes manipulam a verdade.

Em Erbolato (2002, *apud* SILVA, 2010, p. 76) destacam-se as quatro categorias básicas e intenções que os textos jornalísticos podem apresentar. Tais como:

- a) informativo: relatar os fatos de uma forma mais objetiva possível;
- b) interpretativo: além de informar, interpretar os fatos. Contextualiza um fato em três direções: antecedentes, o próprio contexto e consequências ou possíveis desdobramentos;
- c) opinativo: expressa um ponto de vista a respeito de um fato ou de um assunto;
- d) diversional: busca tornar o jornalismo mais agradável e atrativo. Informações que visam à distração dos leitores. Privilegia um estilo descolado.

Assim sendo, é com base nessas quatro categorias que as matérias jornalísticas são produzidas e classificadas em determinado gênero da esfera do jornalismo. Também é importante ressaltar que os gêneros do universo jornalístico dependem intrinsecamente da relação de confiança do leitor para com o autor, ou do público leitor para com o jornalista, para que as matérias divulgadas por determinado veículo de comunicação tenham credibilidade na sociedade.

Sobre este aspecto, Xavier (2010) afirma que a imprensa e os jornalistas possuem um nível satisfatório de credibilidade no que tange ao cenário profissional, ficando a frente de categorias como a polícia, políticos e a justiça. No entanto, é preciso atentar para as marcas ideológicas e pessoais que todo texto possui, para não se tornar um leitor alienado que acata tudo aquilo que ouve ou lê na imprensa.

Com isto, é notável que os gêneros da esfera jornalística são indispensáveis ao conhecimento dos alunos, visto que ao se trabalhar com gêneros jornalísticos o docente deve visar práticas de leitura e de escrita do texto levando o aluno a refletir sobre o contexto de produção do gênero e as implicações que este aspecto ocasiona nos diferentes níveis do texto. Menezes (2007) afirma que antes do aluno produzir textos que circulam socialmente, eles devem estar habituados a identificar nos textos as marcas de manipulação e de imposição de ideologias, visto que, na maioria das vezes, as pessoas são levadas a acreditar que tudo o que é dito e noticiado pelos meios de comunicação, como revistas, jornais, televisão e internet, é a verdade, confiando em uma suposta neutralidade e objetividade jornalística.

Entretanto, o acontecimento ao ser noticiado passa por diversos tipos de mediadores, edições e filtragens até chegar ao leitor/ouvinte, e atendem aos interesses e ideologias dos meios de comunicação a que se filiam. Assim, é necessário que o aluno/leitor interprete o que lê, ouve ou vê na televisão e perceba as escolhas lexicais e os posicionamentos utilizados na construção dos discursos que perpassam os gêneros da esfera jornalística, tornando-se um leitor crítico do mundo à sua volta e dos meios de comunicação em massa.

Dentre os gêneros situados na esfera jornalística, encontram-se a notícia e a crônica jornalística. Um dos gêneros que mais recebem destaque por sua funcionalidade e pelo acesso rápido é a notícia, tendo em vista sua praticidade e sua vinculação com o imediato, o temporal. A função da notícia é informar e relatar os fatos com imparcialidade, entretanto, Bueno (2011, p. 109) expõe que “a notícia não seria a realidade, nem a tradução objetiva, imparcial e descomprometida de um fato. Ela seria uma versão de um fenômeno social”. Desse modo, a notícia também se caracteriza por ser um texto polifônico, em que o redator ou repórter retoma outras vozes para construir uma versão de um fato. Com isto, ao analisarmos as vozes que compõem o texto, é possível captar a intenção do autor e se o mesmo se aproxima, afasta, aprova ou contesta o conteúdo abordado na notícia.

A notícia possui uma estrutura composta pelo *lead* (termo jornalístico usado para designar as perguntas essenciais que toda notícia tem que responder: o que? por quê? onde? como? quando? e quem?). Também possui o formato de pirâmide invertida (em que o texto é escrito não pela ordem cronológica, mas pela importância dos fatos). No jornalismo é o

gênero que traz o relato puro dos acontecimentos. Assim sendo, como a notícia pauta-se por relatar fatos que estão condicionados ao interesse do público em geral, a linguagem necessariamente deverá ser clara, objetiva, precisa e isenta de qualquer possibilidade que ocasione múltiplas interpretações por parte do leitor.

Em relação à crônica também é um gênero que pode ser considerado jornalístico, pois relata de maneira ordenada e detalhada certos fatos ou acontecimentos, além disso, leva em consideração, a opinião e a visão de quem está escrevendo. No entanto, Melo (1992, p. 84) aponta que “a ambiguidade, o hibridismo desse gênero, nos levou a perceber a tensão existente entre os dois pólos onde está situada a crônica- a tal briga antiga e não resolvida entre a literatura e o jornalismo”.

Desse modo, a crônica é vista como um “relato poético da informação”, deixando de lado a objetividade pretendida pelo universo jornalístico, trazendo a opinião crítica e humanizadora do escritor do texto. A crônica, diferentemente da notícia, não tem por finalidade principal informar o destinatário, mas de refletir sobre o acontecido, possibilitando, nesse gênero, enxergar a visão subjetiva do cronista sobre o acontecimento por ele narrado.

Ainda sobre a crônica é importante destacar que ela possui um caráter efêmero, como todos os textos da esfera jornalística, visto que

não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa. Ela não foi feita originalmente para o livro, mas para essa publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha (CÂNDIDO, 1992, p. 06).

Portanto, o gênero crônica e a notícia caracterizam-se, na maioria das vezes, por serem textos curtos e terem uma vida curta, pois como se tratam de gêneros publicados em revistas e jornais e por falarem de assuntos contemporâneos, as crônicas e as notícias publicadas hoje vão se seguir a muitas outras amanhã e nas próximas edições.

1.3 O gênero discursivo como instrumento de interação social nas aulas de língua portuguesa

Sem negar a importância da leitura e da escrita e em função do compromisso de assegurar aos discentes o exercício pleno da cidadania, faz-se necessário que as práticas escolares do ensino de língua portuguesa priorizem o estudo dos textos, vislumbrando os usos públicos da linguagem, visto que a compreensão de textos pertencentes a diversos gêneros

conjetura o desenvolvimento de diversas habilidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino.

O trabalho com os textos nas aulas de língua portuguesa é uma atividade imprescindível e fundamental e, portanto, devem ser abordados em seus diversos tipos e gêneros, nas modalidades oral e/ou escrita. É através dos textos que podemos observar a funcionalidade da língua. Em comunhão com o que foi dito, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (PARAÍBA, 2006, p. 21) abordam que “entender os usos da língua significa considerar os recursos e arranjos pelos quais se constrói um texto, num dado contexto”.

Partimos do pressuposto básico de que é impossível se comunicar verbalmente a não ser por algum texto, em outras palavras, a comunicação e as nossas produções acontecem por algum gênero discursivo. Sendo assim, a língua é tida como uma forma de ação social e de constante processo interacional de comunicação e os gêneros, por sua vez, tidos como veículos condutores dessa comunicação, são usados frequentemente no cotidiano das pessoas, a cada instante utilizamos um desses gêneros em determinada situação na qual precisamos nos expressar. Com esta finalidade selecionamos automaticamente aquele que melhor se adapte a situação de comunicação que desejamos alcançar.

O ensino de língua portuguesa tem como um dos principais objetivos desenvolver as habilidades de leitura e escrita nos alunos. Dessa forma, as aulas de produção textual têm se pautado na concepção de gêneros, com o propósito de tornar o aluno eficiente no tocante às práticas de leitura e de escrita. Tais competências são fundamentais para o desenvolvimento social dos discentes no mundo letrado em que estamos inseridos.

Sendo considerados de grande valia para o ensino de língua, por serem uma fértil área interdisciplinar, com atenção voltada para o funcionamento da língua e para as atividades culturais e sociais. Os textos de gêneros diversos podem dar ao estudante condições de aprimorar e aumentar a capacidade de expressão verbal em sua ampla variação idiomática. Silva (2010) afirma que trabalhar com textos de tipologias diversas e produzidos por diferentes setores da cultura nacional significa, em última análise, dar ao aluno meios e instrumentos para uma leitura plural do mundo.

Assim sendo, as práticas docentes precisam vislumbrar a formação de alunos leitores e produtores de textos diversos que sejam capazes de interpretar os aspectos ideológicos do texto, levando-os a compreenderem a importância da adequação da linguagem para cada gênero estudado.

Conforme expõem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa,

os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou àquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino (BRASIL, 1998, p. 23).

Assim, a escola precisa criar condições para que os alunos possam desenvolver sua competência discursiva e torná-los capazes de utilizarem a língua em seus vários níveis de formalidade, podendo adequar seu texto as diferentes situações de comunicação oral e escrita, pois a partir da familiarização com os gêneros é que se torna possível levar o aluno a saber usar e reconhecer cada um deles de acordo com as suas necessidades.

Segundo Antunes (2003, p. 115), “é evidente que a escolha desses diferentes gêneros de textos deverá acontecer, gradativamente na dependência do grau de desenvolvimento que os alunos vão demonstrando na habilidade de escrever textos”. Dentro desse âmbito, a escola é responsável por possibilitar ao aluno o domínio do gênero, para melhor conhecê-lo, aprendê-lo e posteriormente tornar-se apto a produzi-lo dentro e fora da sala de aula.

Partindo desse pressuposto de que é através do contato com os gêneros textuais que se desenvolvem nos alunos as habilidades de leitura e escrita, percebe-se que quanto maior for o contato do aluno com textos originários dos diversos domínios discursivos como científico, jornalístico, literário etc., maior será sua competência comunicativa e sua capacidade de refletir sobre os mecanismos linguísticos e extralinguísticos presentes em cada texto.

A explosão tecnológica que a humanidade está presenciando contribui para a formação de novos meios de comunicação e as maneiras como são utilizados faz com que boa parte desses novos meios de comunicação gerem novos gêneros discursivos. Contudo, é importante destacar que

nos últimos dois séculos foram as novas tecnologias, em especial as ligadas à área da comunicação, que propiciaram o surgimento de novos gêneros textuais. Por certo, não são propriamente as tecnologias per se que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências comunicativas diárias (MARCUSCHI, 2007, p 19).

Essa diversidade de textos inclusos ou não no meio acadêmico deve estar a serviço do conhecimento letrado dos alunos, uma vez que é através das diversidades textuais ou dos gêneros que os alunos encontram maior “intimidade” com a leitura e a escrita, fazendo com que os educandos desenvolvam uma relação mais estreita entre essas duas habilidades.

No entanto, devido à infinidade de gêneros orais e escritos existentes na sociedade, torna-se impossível seu ensino de maneira totalizada. Portanto, é imprescindível a seleção de alguns gêneros que mereçam uma abordagem maior em sala de aula, devido aos usos e

relevância desses gêneros no meio social. Em concordância com o que foi exposto, os PCN (BRASIL, 1998) também elucidam que os textos devem ser selecionados por suas características, circulação na sociedade, bem como pela reflexão crítica que os mesmos podem fornecer aos leitores.

Portanto, é essencial proporcionar o contato do aluno com o texto através da leitura, interpretação e produção, para que o discente conheça todas as manifestações de linguagem, contexto social, intencionalidade e características do gênero a que se pretende estudar. O aluno precisa saber refletir sobre o contexto de uso de cada gênero, pois, como afirma Marcuschi (2007, p. 20), eles “se caracterizam muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”. Ainda é importante ressaltar que o ensino deve ser pautado pelo texto, configurando ao alunado um ambiente real e contextualizado de produção.

1.4 Leitura, escrita e ensino: diálogos possíveis

O processo de ensino-aprendizagem de língua materna tem sido bastante debatido, tornando-se objeto de pesquisa para algumas correntes teóricas que buscam aliar a prática à teoria. Uma dessas correntes que tem por objeto de estudo a língua, em situação de uso é a Linguística Aplicada (LA). Na perspectiva de estudiosas como Bastos e Mattos (1993, p. 07), “a preocupação da Linguística Aplicada não está comprometida com teorias acerca da língua, mas sua preocupação é com situações de uso da língua; seu objeto de estudo é definido pelas situações de um uso que seja metalinguístico”.

Ainda segundo Bastos e Mattos (1993), a LA possui duas características primordiais que são a interdisciplinaridade, visto que ela busca subsídios não só na ciência linguística, mas também em outras áreas, tais como pedagogia, história, filosofia, psicologia do desenvolvimento, dentre outras, e a aplicabilidade, isso decorre, da própria constituição da disciplina, visto que se trata da aplicação de um estudo de base linguística a uma determinada situação de uso da língua, como é o caso do contexto ensino. Esta última característica a diferencia em relação à linguística, pois enquanto a linguística descreve as estruturas das diversas línguas, ela procura adequar essa descrição ao ensino. As autoras finalizam afirmando que o objetivo dos estudos da LA é fornecer subsídios para que as pessoas envolvidas em determinada situação de uso linguístico possam refletir sobre ela criticamente.

Assim, ao investigarmos as práticas de leitura e escrita, também consideraremos neste estudo os aspectos de ensino-aprendizagem no desenvolvimento dessas habilidades, visto que

nos pautamos num estudo com base na LA por possuímos pretensões específicas no que diz respeito à investigação da prática em sala de aula. Desse modo, abordaremos os processos de leitura e escrita atrelados ao ensino de língua.

Nessa perspectiva, a leitura e a escrita são atividades fundamentais no ensino de língua portuguesa, sendo que uma está ligada a outra, visto que para se escrever bem, é essencial que se saiba ler, pois é através da leitura que se adquire o conhecimento necessário para se desenvolver uma boa escrita e é pela leitura que conseguimos assimilar as estruturas próprias da língua escrita. Desse modo, a leitura irá interferir diretamente na aprendizagem da escrita. Tais práticas também são indispensáveis para a inserção dos discentes na sociedade letrada, visto que cobra-se cada vez mais que as pessoas não só saibam ler e escrever textos, mas que sejam capazes de interpretar, refletir, analisar criticamente, confrontar, se posicionar, argumentar etc.. Este uso social da leitura e escrita é o que constitui o letramento¹.

Entretanto, ainda é possível observar nas escolas que as práticas de leitura e escrita são usadas como pretexto para o ensino da gramática normativa, bem como para se trabalhar as tipologias textuais (Narração, Dissertação, Descrição), como mencionam Rojo e Cordeiro (2004, p. 09): “passando o texto a ser pretexto não somente para o ensino da Gramática Normativa, mas também da gramática textual, na crença de que ‘quem sabe as regras sabe proceder’”. Contudo, as práticas de leitura e escrita não se resumem em atividades estritamente linguísticas, pois ao ler e escrever ativamos conhecimentos prévios de diferentes tipos, como por exemplo, conhecimentos de mundo ou enciclopédicos e conhecimentos textuais. Por isso, são atividades interativas, por exigirem daqueles que leem e escrevem conhecimentos prévios que vão além do universo linguístico.

No que tange à leitura e interpretação de textos na sala de aula torna-se imprescindível seu ensino desde as séries iniciais, para que ao término do período escolar o aluno adquira o hábito e a maturidade necessária para desenvolver essas habilidades fora da escola. No entanto, o que se pode observar por parte dos discentes é a grande dificuldade que os mesmos possuem em ler e interpretar os gêneros que circulam na sociedade. Sendo assim, o professor assume um papel fundamental na formação do aluno. Pereira (2011, p. 89) alerta que “entre as metas do professor estão o desenvolvimento da percepção, senso de análise, reflexão e crítica do que se lê”.

¹Entende-se por letramento o conceito abordado por Soares (2004, p. 14, 15), sendo este o “desenvolvimento de habilidades textuais de leitura e escrita, o convívio com tipos e gêneros variados de textos e de portadores de textos, a compreensão das funções da escrita”. Dessa forma, para o letramento se constituir deve-se desenvolver essas habilidades através de práticas sociais de uso da língua escrita.

Dessa forma, o ensino de leitura na escola deve priorizar os diferentes gêneros discursivos, partindo daqueles que fazem parte do cotidiano dos alunos, para os gêneros que poderão ser úteis na vida profissional e acadêmica dos educandos. Com isto, percebe-se que ao desenvolver as habilidades de leitura e interpretação o aluno sai da escola preparado não só para o mercado de trabalho, como também para as questões sociais que o cercam, pois o ato de ler não se restringe apenas a decodificar palavras: ler significa interpretar o mundo.

Nessa perspectiva, além de possuir um caráter interativo, a leitura e a interpretação de textos possui um caráter interdisciplinar. Entretanto, o que podemos observar é que o espaço para estas duas habilidades torna-se cada vez mais restrito à área de língua portuguesa, uma vez que os professores de outras disciplinas as encaram como sendo um problema específico do professor de português e se esquecem de que as outras disciplinas também exigem que o aluno saiba ler e interpretar.

Como explica Aquino (2010, p. 397), “a leitura intervém em todas as disciplinas, pois repercute na expressão oral e escrita do aluno, na organização formal de seu raciocínio e pensamento e na sua capacidade de ler textos, interpretando-os e fazendo-os mentalmente”. O que significa que a leitura, que contribui para a interpretação de textos, deve ser feita por todas as disciplinas, como trazem os RCEM-PB (PARAÍBA, 2006, p. 36): “é fundamental um projeto coerente de todo o trabalho escolar em torno da leitura, em que não apenas o professor de língua portuguesa, mas também os professores das demais disciplinas sejam professores de leitura”. No entanto, a metalinguagem específica deve ser fornecida nas aulas de língua portuguesa.

Também merece destaque a maneira como o professor irá proporcionar os momentos de leitura para seus discentes, como aborda os RCEM-PB (PARAÍBA, 2006), que apresentam sugestões para favorecer o trabalho com a leitura em sala de aula, como por exemplo, o professor buscar estratégias didáticas que incentivem os educandos a fazerem leituras dentro e fora da escola, uma dessas estratégias seria a de deixar o aluno livre para selecionar suas próprias leituras, para que assim haja uma maior identificação do aluno/leitor com o texto. Menezes (2007, p. 13) esclarece que “todo trabalho com textos de circulação social deve estar voltado para a plena leitura e compreensão deles”, tendo em vista que ler textos que circulam socialmente é “agir como cidadão”, interagir com a sociedade.

Assim sendo, a prática da leitura torna-se indispensável para a vida dos alunos, visto que, ao longo da história, esta prática tem sido uma das maneiras mais importantes que o homem dispõe para adquirir conhecimento sobre o mundo. De tal forma que, através da

leitura, podemos conhecer diferentes culturas, povos, épocas e os diversos assuntos que rodeiam a sociedade, sobre os quais, inclusive, podemos escrever.

Assim como a leitura, a produção textual também possui papel fundamental, pois é notável a prioridade dada à modalidade escrita no âmbito escolar. Isso se deve ao fato do valor social e histórico que a palavra escrita possui em nossa sociedade. Dessa forma, a apreensão da escrita torna-se essencial para a vida dos discentes, visto que há uma expectativa por parte da sociedade de que os alunos sejam capazes de produzirem bons textos orais ou escritos.

Desse modo, a escrita da mesma forma que a leitura, não é uma atividade estritamente linguística, afinal, para escrever necessitamos não só de conhecimentos linguísticos, mas também precisamos dos conhecimentos de mundo e textuais. Logo, a ausência desses conhecimentos torna a tarefa de escrever muito mais difícil e, por vezes, impossível.

Entretanto, as práticas de escrita na escola em sua maioria são feitas de forma artificial, pois boa parte dos textos escritos pelos alunos não passam de meras redações, sendo atividades de reprodução de conteúdo, sem que ocorra nenhum tipo de interação social com o uso da linguagem, dando maior prioridade aos aspectos gramaticais, com a correção de erros cometidos pelos discentes. Assim,

a redação escolar, isolada, desvinculada do que o indivíduo realmente pensa, acredita, defende e quer compartilhar ou expor ao outro, como forma de interação, não pode ser considerada escrita, mas apenas uma forma de demonstração de habilidades gramaticais. A produção de textos é uma forma de reorganização do pensamento e do universo interior da pessoa (GARCEZ, 2001, p. 09).

Logo, as diferenças entre produção textual e redação não estão apenas nas nomenclaturas: diferem-se na maneira como abordam o texto em sala de aula, visto que a primeira é a escrita vinculada a práticas sociais, pois os textos dos alunos passam a adquirir outra função, além da correção do professor, tornando-se uma atividade interativa, em que o aluno entende a função comunicativa de determinado gênero e o escreve com a intenção de que outros leiam e compreendam seu texto. Enquanto que a prática da redação objetiva, na maioria das vezes, a correção de erros gramaticais, sendo uma prática desvinculada do contexto social, não interessando, portanto, ao mundo moderno.

Tais práticas subjacentes à redação podem apresentar implicitamente duas concepções de escrita, como dom, na qual a escrita é apreendida como um ato de inspiração, uma atividade espontânea, uma habilidade que compete a poucos e aqueles que não se sentem

privilegiados com este dom não estão aptos para escrever bons textos, sendo este um dos fatores para o desencorajamento e frustração dos alunos em relação à escrita:

é preciso, antes de tudo compreender que todas as pessoas podem chegar a produzir bons textos, e que isso não é uma questão de ser ungido pelos deuses que escolhem os mais talentosos. É necessário também identificar bloqueios porventura construídos ao longo da vida escolar e tentar eliminá-los (GARCEZ, 2001, p. 03).

A outra concepção de escrita que subjaz a prática da redação é a de escrita como produto, que enfoca a forma e estrutura tanto dos aspectos gramaticais como textuais. Nesta concepção, o texto é visto como um objeto de uso, servindo apenas como suporte para as aulas de língua, com a finalidade de desenvolver estratégias de escrita, ou seja, o texto passa a ser usado como pretexto para a produção de redações. Segundo Oliveira (2010, p. 120), “o professor que vê a escrita apenas como produto tende a dificultar o desenvolvimento da competência redacional dos alunos por não ajudá-los a se conscientizarem de que a escrita requer planejamento”. Dessa forma, esse tipo de redação limita-se a escrita de texto sobre determinado tema, visando às regras gramaticais e sem nenhum tipo de planejamento prévio.

Em contrapartida, os RCEM-PB apontam que

a atividade de produzir textos, por envolver múltiplas capacidades, necessita de uma aprendizagem lenta e prolongada. Produzir um texto com coerência e coesão não é um dom exclusivo de uma minoria seleta, mas uma capacidade de todo indivíduo escolarizado, se lhe são dadas as condições de ensino e aprendizagem adequadas (PARAÍBA, 2006, p. 40).

Dessa maneira, é importante que o professor elabore suas aulas embasadas na concepção de escrita como processo, por compreendê-la como um trabalho árduo e contínuo que exige de quem escreve empenho e dedicação. A escrita enquanto processo nos mostra que o ato de escrever não é dom ou inspiração, mas é transpiração, pois é impossível escrever um bom texto se não o analisarmos e reescrevermos² algumas vezes. É também uma habilidade que pode ser desenvolvida por todos, se houver bastante treino e estudo, visto que “escrever bem é o resultado de um percurso constituído de uma prática, muita reflexão e muita leitura” Garcez (2001, p. 06).

Como visto, os RCEM-PB (IBIDEM) nos apresentam que “a atividade de produzir textos, por envolver múltiplas capacidades, necessita de uma aprendizagem lenta e

² Por reescrita entende-se que é mais do que o ajuste do texto as regras gramaticais, aos padrões normativos, mas são os movimentos do autor para reelaborar seu próprio texto: modificando, apagando, acrescentando, redigindo outra vez algumas passagens de seu texto, para ajustá-lo à sua finalidade.

prolongada”. Desse modo, todos são capazes de produzir bons textos desde que lhe sejam dadas as condições de aprendizagem adequadas. Assim sendo, antes da produção escrita os alunos precisam ter conhecimento do gênero a que vão produzir e da temática sobre a qual irão falar. Com isso, é imprescindível que o professor elabore atividades prévias a escrita, visto que estas irão permitir que os alunos aprimorem os conhecimentos e percam o “medo” de escrever, pois o texto vai ser o produto final de um longo processo de aprendizagem, como também permite ao professor observar as maiores dificuldades apresentadas pelos alunos, possibilitando desenvolver um trabalho que atenda as necessidades deles, servindo de auxílio para a produção escrita.

Contudo, deve-se considerar também, que para o aluno produzir determinado gênero é necessário que ele entre em contato com exemplares de textos deste mesmo gênero de referência, para subsidiar sua escrita. Assim sendo, cabe ao professor providenciar os textos que servirão de suporte para auxiliar o aluno na produção textual, pois a partir da familiarização com os gêneros é que se torna possível construir conhecimento com o aluno, a saber, oportunizar a este aluno usar e reconhecer cada um deles - dos gêneros - de acordo com as suas necessidades.

É oportuno destacarmos a importância da leitura e escrita para a vida do sujeito: cabe a escola incentivar, desde cedo, que os alunos criem o hábito de ler e produzir textos, para que esse hábito se perpetue ao longo de sua vida. Desse modo, as atividades que envolvem estas práticas não podem estar atreladas a cobrança exagerada, a punição, ao descaso e a repetição mecanizada de tarefas, mas devem possuir um significado e uma função para os alunos, com um contexto específico, tornando o momento da leitura e da escrita um ato prazeroso, espontâneo. Portanto, é importante que o aluno tenha contato com uma diversidade de textos dentro da sala de aula, para que saibam ler e escrever os diferentes gêneros que circulam socialmente.

A seguir apresentaremos a discussão metodológica que norteou nossa pesquisa.

CAPÍTULO II - DISCUSSÕES METODOLÓGICAS

2.1 Do planejamento didático à pesquisa-ação

Ao sentir a necessidade de resgatar a importância da língua portuguesa na vida social dos alunos, partiu-se da concepção de que ensinar uma língua é potencializar o outro para saber se posicionar, argumentar e defender seus objetivos perante a sociedade, no sentido de elaborar um planejamento didático bem organizado de aulas com a realização de diversas atividades que instigassem a participação discente em sala de aula, bem como despertar o interesse dos alunos pela leitura e escrita de gêneros que tenha uma grande relevância social, como os da esfera jornalística.

As atividades que envolveram as práticas de leitura e escrita foram planejadas para serem aplicadas com alunos das séries 1º, 2º, 3º anos do ensino médio e do 9º ano do ensino fundamental. Elas foram desenvolvidas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, na cidade de Campina Grande, Paraíba³.

A leitura e a escrita são essenciais para a formação do aluno por serem maneiras de viabilizar a inclusão dos estudantes no meio social, visto que é por meio de textos, sejam eles orais ou escritos, que o aluno não só adquire conhecimentos em relação aos aspectos linguísticos e gramaticais da língua, mas também integra-se ao mundo através dos textos. Em comunhão com o que foi dito, os PCN (BRASIL, 2000, p. 21) enfatizam que “o homem pode ser conhecido pelos textos que produz”, o que nos mostra a autonomia discursiva e interpretativa que o texto traz tanto para aqueles que o produz quanto para aqueles que irá ler.

Assim sendo, percebemos que a base de um aprendizado efetivo da língua portuguesa se dá através do texto, sendo este o condutor de todos os conteúdos referentes à língua materna trabalhados em sala de aula.

Contudo, para se trabalhar com textos e, conseqüentemente, com gêneros discursivos (orais ou escritos) é fundamental que se tenha em mente alguns princípios como o porquê e o para que se trabalhar. Em resposta a essas perguntas, os gêneros são essenciais para o ensino de língua por serem importantes para a comunicação verbal. Em Marcuschi (2008, p. 154)

³ Nesse momento estamos nos reportando ao projeto do PIBID como um todo em que estávamos inseridos. No entanto, para geração de dados deste Trabalho de Conclusão de Curso nos deteremos ao relato de experiência específica com os gêneros notícia e crônica jornalística.

aparece que “toda a manifestação verbal se dá sempre por meio de textos realizados em algum gênero”. Estes gêneros são os textos encontrados em nosso cotidiano.

O trabalho com os gêneros discursivos permite integrar não só os conteúdos gramaticais, bem como leva em consideração o contexto social dos alunos, pois fora da escola eles também produzem vários gêneros todos os dias, mesmo sem possuírem os conhecimentos técnicos, fornecidos pela escola.

Desse modo, foram selecionados alguns gêneros (orais e escritos) para que ao entrarem em contato com os textos os alunos conseguissem identificá-los em seu cotidiano, como reportagem, notícias impressas e televisivas, crônicas jornalísticas, música, charges etc., para ensinarmos aos discentes, os conhecimentos técnicos necessários para uma boa produção textual, preparando-os para utilizar esses conhecimentos dentro e fora da escola através de práticas efetivas de uso da linguagem e por meio de uma construção coletiva de conhecimentos.

Para tanto, desenvolvemos um planejamento didático⁴, abordando o “universo jornalístico”, com os objetivos de incentivar a participação e opiniões dos discentes através dos gêneros jornalísticos, proporcionando o desenvolvimento sócio-discursivo dos discentes; trabalhar leitura e escrita com os alunos através de produção textual e discussões sobre o tema “Cidadania- Os direitos do cidadão”; conhecer as características dos gêneros discursivos trabalhados, sendo estes, a crônica jornalística e notícia; dentre outros⁵.

Visto isso, entendemos como planejamento didático, o procedimento adotado pelo docente para organizar as atividades que serão realizadas com alunos, visando atingir objetivos e metas de ensino-aprendizagem estabelecidos. Dessa forma,

o professor ao planejar o ensino antecipa, de forma organizada, todas as etapas do trabalho escolar. Cuidadosamente, identifica os objetivos que pretende atingir, indica os conteúdos que serão desenvolvidos, seleciona os procedimentos que utilizará como estratégia de ação e prevê quais os instrumentos que empregará para avaliar o progresso dos alunos (TURRA *et al. apud* HAYDT, 2000, p. 98).

⁴ A noção de planejamento didático está atrelada a de sequência didática, visto que ambas possuem a mesma função de organizar o trabalho do professor em sala de aula. No entanto, esses dois instrumentos de organização da aprendizagem se diferem nas etapas do planejamento, visto que a sequência didática é elaborada a partir de uma primeira produção escrita (modelo apresentado por Dolz e Schneuwly, 2004), enquanto que o planejamento didático nos permite selecionar e indicar os conteúdos a serem desenvolvidos antes de qualquer produção, sendo este recurso o mais propício para o desenvolvimento do projeto.

⁵ Conforme nota de rodapé 3.

Além disso, o planejamento ou plano didático trata-se de um roteiro, um instrumento de referência preparado pelo próprio professor para auxiliá-lo nas aulas, que deve indicar os conteúdos a serem trabalhados em sala, bem como estabelecer as atividades e procedimentos que se adéquam aos objetivos do processo de ensino-aprendizagem. Desse modo, o planejamento nos permite prever e superar prováveis dificuldades que surgirem nesse processo.

Logo, o *corpus* dessa pesquisa foi um planejamento didático sobre “o universo jornalístico”, com base na leitura e escrita de dois gêneros discursivos: a crônica jornalística e a notícia e possui 12 momentos, que equivalem a duas aulas cada. Este planejamento foi desenvolvido pelo projeto PIBID “Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco”, nos meses de setembro a novembro de 2013, sendo duas aulas por semana.

Para a realização desta investigação foi feita uma pesquisa de campo, tendo por natureza a pesquisa-ação, sendo definida por alguns teóricos, como o tipo de pesquisa que procura unir o ato da pesquisa à prática, ou seja, nela o pesquisador não só investiga, mas também interage e provoca ações no meio pesquisado, visto que uma das características desse tipo de pesquisa é que através dela se procura intervir na prática já no decorrer do processo da pesquisa e não apenas fazendo uma recomendação na etapa final desse processo.

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1994, p. 14).

Nesse sentido, pode-se qualificar como pesquisa-ação, quando realmente houver uma ação por parte das pessoas envolvidas no problema observado. Nesse tipo de pesquisa é essencial a participação dos que fazem parte da investigação, pois os pesquisadores possuem um papel ativo durante todo o processo de pesquisa, tendo em vista que, avalia, acompanha e faz modificações na prática, na tentativa de solucionar os problemas encontrados durante esse processo.

Contudo, pode-se afirmar que a pesquisa-ação é uma abordagem científica para a solução de problemas encontrados na prática. Dessa forma, torna-se possível dinamizar o processo de pesquisa, visto que podemos estudar os problemas, tomar decisões, promover ações durante o processo, transformando a situação e modificando o resultado final da

pesquisa. De acordo com o que foi exposto, Thiollent (1994, p. 18) aborda como objetivo prático da pesquisa-ação: contribuir para o melhor equacionamento possível do problema considerado como central na pesquisa, “com levantamento de soluções e propostas de ações correspondentes às “soluções” para auxiliar o agente (ou ator) na sua atividade transformadora da situação”.

Além disso, no ensino, a pesquisa-ação desenvolve-se como uma resposta a necessidade de implementar a teoria educacional na prática em sala de aula. No entanto, o professor deixa de ser apenas um consumidor de pesquisas realizadas por outros e passa a ser o próprio pesquisador, transformando suas práticas em sala de aula em objeto de pesquisa. Com isto, o processo de pesquisa se torna um processo de aprendizagem para todos os participantes envolvidos na investigação, visto que professores e pesquisadores podem utilizar suas pesquisas para aprimorar o ensino e, conseqüentemente, melhorarem o aprendizado dos alunos.

Dessa maneira, uma das justificativas para utilizar a pesquisa-ação na área educacional é a que as pesquisas tradicionais, ainda que apresentem resultados aparentemente mais precisos, estão muito afastadas dos problemas atuais da educação, pois muitas dessas pesquisas se limitam a apenas descrever a situação ou trazem uma avaliação e não abordam nenhuma resposta concreta para solucionar tais problemas. Já a pesquisa-ação permite uma avaliação e ação para se chegar à solução do problema.

2.2 Sobre o projeto PIBID- Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco

O projeto intitulado de “Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco”, realizado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID)/ Letras e financiado pela CAPES, possui o intuito de instigar a participação dos alunos em sala de aula e despertar o interesse pelas aulas de língua portuguesa.

Nesse sentido, o projeto surgiu a partir da necessidade de mostrar aos discentes a relação entre os conteúdos ministrados em sala de aula e o cotidiano deles, com base nas OCEM (PARAÍBA, 2006) que propõem o resgate das práticas de linguagem e a utilização de textos que melhor representem a realidade dos alunos nas comunidades em que a escola está inserida.

Percebendo a desmotivação dos alunos em assistirem às aulas de língua portuguesa, por acharem os conteúdos difíceis e por não verem relação nem utilidade desses conteúdos ensinados, com a sua vida fora da escola, realizamos oficinas que propuseram o resgate, a

participação e o aprendizado dos discentes através de metodologias atrativas. Para tanto, utilizamos diversos recursos como músicas, filmes, vídeos, dinâmicas, gincanas, aulas temáticas etc., sempre relacionando o conteúdo aprendido com o meio social dos alunos.

Dessa forma, o projeto em questão tem como objetivos demonstrar a relevância do estudo de língua portuguesa através de exposições dinâmicas do conteúdo; resgatar a participação dos discentes em sala de aula; estabelecer uma relação do conteúdo com a vida dos alunos; envolver o alunado em práticas efetivas de uso da língua, tendo o texto como o foco e desenvolver a competência linguístico-textual em termos de escrita, leitura e compreensão de vários gêneros discursivos.

O projeto que completou dois anos e meio de atividades em 2013, já passou em sua trajetória pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula, onde ficou durante o período de um ano, em atuação as docentes em formação e bolsistas do projeto, Alesca Jois da Costa Silva, Luciana Vieira Alves, Marciana da Silva Milânez e Maria do Livramento Paula da Silva, na qual foram desenvolvidas atividades de leitura, interpretação, oralidade e escrita com os gêneros textuais relato pessoal, depoimento e gêneros humorísticos, como charges, piadas, tirinhas etc..

O projeto também passou pela Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Monte Carmelo, onde completou um ano e meio de atividades. Neste período, uma outra equipe foi formada com a entrada de novas bolsistas, sendo Alanne de Paula Barbosa, Renally Arruda Martins de Lima, Roberlânia Alves Barbosa, juntamente com as remanescentes Luciana Vieira Alves e Marciana da Silva Milânez. Nesta segunda etapa do projeto, na Escola Monte Carmelo, trabalhamos com os alunos os gêneros textuais argumentativos e os gêneros discursivos da esfera jornalística, sendo este último o *corpus* desta pesquisa.

Portanto, observa-se que ao longo da trajetória do projeto *Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco* desenvolveu-se um trabalho pautado no uso do texto na sala de aula, tendo em vista que este propicia um estudo contextualizado, contemplado ações reais de uso da língua de modo a construir com o aluno conhecimentos para o uso efetivo dentro das esferas sociais de comunicação com vistas não apenas para o texto escrito, mas também para outras formas de linguagem, sejam elas verbais ou não verbais.

Outro aspecto importante do projeto é que o mesmo pretende sinalizar para os professores terem uma visão mais crítica a respeito do ensino de língua portuguesa, uma vez que o ensino se torna mais eficaz, quando se desenvolve um trabalho em sala de aula que vise uma integração entre as áreas básicas que se dividem e se estruturam no ensino de língua materna: ensino de gramática, ensino de leitura (compreensão de textos), ensino de escrita

(produção textual) e ensino de vocabulário. Partindo desse pressuposto, pretende-se trabalhar nas aulas de língua portuguesa o falar, o ouvir, o ler e o escrever, tendo como principal objeto de estudo os gêneros discursivos que circulam na sociedade.

CAPÍTULO III - UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE A PRÁTICA REALIZADA

3.1 Refletindo sobre as práticas de leitura e de escrita de gêneros jornalísticos em sala de aula

Como vimos, os gêneros jornalísticos são essenciais para o aprendizado dos alunos devido sua relevância social, pois além de possuírem a função de informar e relatar os fatos, também proporcionam o debate público sobre questões sociais, estimulando a criticidade dos discentes.

Desse modo, desenvolvemos uma série de atividades com o objetivo de estudar e estimular a leitura e escrita dos gêneros jornalísticos. Nosso objetivo ao final das atividades foi fazer com que o alunado percebesse que cada gênero discursivo possui um contexto de uso, e que cada um atende a uma função comunicativa, além de proporcionar aos discentes um maior contato com alguns dos gêneros jornalísticos que evidenciassem as peculiaridades da linguagem jornalística.

Nossas atividades consistiram em leitura de textos que estão presentes no suporte do jornal, para que os alunos percebessem as características de cada gênero presente nessa esfera. Posteriormente, apresentamos a estrutura prototípica dos gêneros que seriam estudados (notícia e crônica), seguido da proposta de produção textual.

Para iniciarmos o trabalho com os gêneros do universo jornalístico, primamos pelo contato do aluno com o texto, para que este, através da leitura e discussão pudesse se familiarizar com o gênero. Para tanto, elaboramos um planejamento didático que nos auxiliou na organização das atividades. Na primeira etapa do trabalho promovemos leituras reflexivas e discursivas a partir dos textos, músicas, vídeos, dentre outros materiais que levávamos para sala de aula, todos com a temática em comum “Cidadania e os direitos do cidadão”. Os gêneros jornalísticos selecionados para essa etapa foram a notícia e a crônica.

Ao iniciar o trabalho com o gênero crônica jornalística levamos para leitura e discussão a crônica “Brasileiro”, de Arnaldo Jabor, para discutir sobre os direitos do cidadão. Dando continuidade à temática, fizemos a leitura de outras crônicas como “Análise dos motivos para as atuais manifestações de jovens pelo país”, de João Pedro Roriz, e “O que as ruas farão pelas ruas”, de Ruth de Aquino, que falam sobre os motivos para as atuais manifestações que ocorreram no Brasil, implicadas pela reivindicação dos direitos garantidos pela constituição para cada cidadão e do direito a liberdade de expressão. Percebemos que levando para sala exemplares do gênero discursivo a ser estudado, os alunos conseguiram através da leitura e interpretação identificar algumas características importantes do gênero, tais como a linguagem, que no caso da crônica traz marcas da personalidade, visto que na crônica o autor também expressa sua opinião e relata fatos do cotidiano, sendo, desse modo, uma prática que facilitou na aprendizagem do gênero pelos alunos.

Com isto, percebemos que antes de abordar os aspectos estruturais do texto, devemos trabalhar com os alunos a intencionalidade, o contexto social que cada texto possui, pois foi através da leitura e análise que os discentes puderam compreender esses aspectos e chegarem à conclusão de que nenhum texto é neutro, pois estes trazem as marcas autorais e ideológicas daquele que o escreve. Ainda sobre este tópico, faz-se necessário dizer que a leitura só se torna completa quando o leitor consegue fazer a interpretação dos aspectos ideológicos do texto e quando consegue entender as intenções do que foi dito/lido.

As palavras de Antunes (2003, p. 81) ilustram claramente o que se espera de uma boa interpretação “o ideal é que o aluno consiga perceber que nenhum texto é neutro, que por trás das palavras mais simples, das afirmações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença”.

No entanto, foi notável através das aulas de leitura e discussão dos textos que os discentes estavam pouco preparados para expor suas opiniões e posicionar-se perante questões que envolvem os cidadãos, por não ser uma prática comum, instigar a participação discente nas salas de aula. Percebemos um desconforto por parte dos alunos que muitas vezes tiveram dificuldades de responder questões óbvias sobre o texto lido, preferindo não participar das aulas. Reconhecemos, possivelmente, que estes bloqueios dos alunos devem-se ao medo de se exporem na frente dos colegas e do professor, visto que mesmo sabendo responder aos questionamentos feitos por nós, estes sentiam vergonha de falar e serem recriminados.

Dessa maneira, as atividades apenas de reprodução, em que o docente é visto como o reprodutor de um conhecimento que só ele detém e ao aluno cabe apenas o papel de ouvinte, devem ser evitadas, dando lugar à práticas que visem a comunicação e interação entre

professores e alunos. Assim sendo, cabe à escola incentivar e instigar a participação discente em sala de aula, através de práticas efetivas de ensino, nas quais o professor seja visto como o mediador entre o aluno e o conhecimento a ser adquirido.

Tendo em vista a dificuldade que os alunos apresentaram em participarem e interagirem nas aulas partimos para outro tipo de intervenção: elaboramos algumas atividades, como a oficina de cartazes e a produção de charges, para que através de tais atividades os alunos expusessem sua opinião acerca de determinados assuntos como *os direitos a liberdade de expressão e a segurança*. Tal intervenção é uma prática comum à pesquisa-ação. Logo, esta nos permite fazer alterações no decorrer do processo de pesquisa e, desse modo, modificar o resultado final desse processo. Porém, não deixamos de instigar e incentivar a participação dos discentes em sala de aula através das atividades de leitura e interpretação dos textos, para que os mesmos ao final das aulas conseguissem se expressar e expor oralmente suas opiniões a respeito dos temas abordados, visto que a leitura é uma habilidade fundamental para auxiliar na compreensão e produção textual, pois a leitura é importante para quem escreve não porque aprende a escrever lendo, mas porque sem ler não se tem o que dizer nem o que citar. Por isso, existe uma relação direta entre leitura e escrita.

Também levamos para leitura e discussão em sala de aula, o gênero discursivo notícia, no sentido de fazer com que os alunos pudessem não apenas discutir sobre a temática, bem como perceberem as características peculiares a este gênero. Proporcionamos a leitura de notícias do próprio meio social que os alunos estão inseridos. Levamos notícias da cidade de Campina Grande, do bairro em que a escola está localizada e da região nordeste, haja vista que se trata de um gênero de grande circulação na sociedade. É importante que o docente conscientize seus alunos a fazerem leituras críticas de toda informação que chega ao seu conhecimento, para que, sob essas condições, saibam se posicionar perante os problemas sociais.

É importante destacar que, através da leitura e discussão dos textos, os próprios alunos concluíram que, embora a notícia tenha por característica a imparcialidade e objetividade, bem como um compromisso com a verdade dos fatos, essa afirmação se torna subjetiva⁶, visto que para compor uma notícia o jornalista precisa apurar os fatos e provas sobre determinado

⁶ Segundo o jornal Folha de S. Paulo (1992, p. 34) “não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto ou ao editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são, em larga medida, subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções”.

acontecimento e, dessa forma, acaba relatando este acontecimento por apenas um ponto de vista ou ângulo, que nem sempre será o mais fiel ao fato. Outra característica que os alunos conseguiram observar através da leitura do gênero, foi que toda notícia responde as perguntas (O que? Quando? Onde? Por quê? Quem? e Como?) que compõem o corpo do texto e constitui o *lead* da notícia.

Após realizarmos uma série de atividades com o intuito de despertar o senso crítico dos alunos e desenvolver a capacidade de se posicionar e argumentar a favor de seus direitos, como a campanha que criaram a favor da liberdade de expressão e a leitura, análise e produção de charges que abordavam a questão da falta de segurança, como também depois de termos feito a leitura, interpretação e estudado as características de cada gênero discursivo trabalhado, a crônica e a notícia. Partimos para a produção de texto com a seguinte proposta:

Produzindo:

De acordo com tudo o que estudamos e debatemos até agora, em sala de aula, faça o seu próprio texto seguindo a estrutura ***de uma crônica jornalística ou de uma notícia***, tendo como base os textos lidos e discutidos, os vídeos apresentados e as teorias estudadas sobre os textos jornalísticos. Lembre-se de obedecer à estrutura do gênero e a temática que você escolher “Cidadania- Os direitos do cidadão”. Elabore seu texto a partir de informações sobre sua própria comunidade (escola, bairro, cidade), tenha coerência nas ideias e lembre-se que seu texto será lido por outras pessoas.

Bom trabalho!

Através dessa proposta, destacamos três aspectos importantes em toda a atividade de escrita, segundo a perspectiva de Bakhtin, que funcionam como os parâmetros fundamentais para se definir um gênero discursivo, tais como a construção composicional (estrutura), na proposta acima, abordamos este aspecto ao solicitarmos para os discentes a escrita de uma crônica ou uma notícia e que estes obedecessem à estrutura dos gêneros solicitados, ou seja, a organização geral do texto deve obedecer aos padrões pertencentes a cada gênero, que estão disponíveis em circulação social. Dessa maneira, também observamos outro aspecto que diz respeito ao estilo verbal, visto que para o aluno escrever determinado gênero, este terá que adequar à linguagem, para atender a necessidade e especificidade do texto e, principalmente, levar em consideração o seu público leitor, que nesse contexto seria a própria comunidade escolar. Para tanto, a linguagem precisa ser objetiva, clara e acessível a todas as classes de leitores, visto que se tratam de gêneros da esfera jornalística.

O último aspecto a ser considerado nessa proposta de escrita diz respeito ao conteúdo temático, que pode ser identificado tanto no tema fornecido “cidadania”, quanto em “colher informações sobre sua comunidade”. Logo, o aluno irá discorrer em seu texto o tema relacionando-o com a sua comunidade, vislumbrado o uso social da escrita, pois o discente irá abordar em seu texto situações do seu próprio cotidiano, que foram vivenciadas por eles e por suas comunidades.

Assim sendo, dada as condições necessárias para a produção e com a escrita e reescrita dos textos, pudemos concluir que boa parte dos alunos conseguiu apreender de forma satisfatória os principais aspectos pertinentes a cada texto, e que também despertaram o senso crítico, visto que ao terem um contato mais direto com os gêneros perceberam que todo texto possui uma linguagem própria e que tudo depende do contexto e da função social a que se destina cada gênero, seja a de informar, opinar, argumentar etc..

Porém, percebemos com os resultados obtidos, que os alunos ainda possuem bastante dificuldade em escrever certos gêneros que exigem deles um posicionamento crítico e a argumentação. Desse modo, faz-se necessário um trabalho mais aprofundado com a argumentação, para que os alunos se sintam aptos a se posicionarem perante as questões sociais, cabendo ao professor mostrar para seus alunos que a escrita é um processo, um trabalho árduo e contínuo que exige de quem escreve empenho e dedicação. Como afirma Garcez (2001, p. 03), “escrever é uma das atividades mais complexas que o ser humano pode realizar. Faz rigorosas exigências à memória e ao raciocínio”.

A escrita enquanto processo nos mostra que o ato de escrever não é dom ou inspiração, mas é transpiração, pois é impossível escrever um bom texto se não o analisarmos e reescrevermos algumas vezes. O texto não sai pronto de uma só vez em um fôlego só, como se fosse um ato divino. E cabe ao professor mediar essa difícil tarefa de conscientizar os alunos de que a escrita é um processo e que o ato de escrever é um ato não linear e não ocorre de imediato, pois todo o escritor deve se debruçar sobre seu próprio texto e refletir sobre o que vai escrevendo para assim alterá-lo constantemente.

Contudo, deve-se salientar que o trabalho com os gêneros em sala de aula é um processo contínuo e que não devem ser apenas meras atividades de leitura e redação. Mas, o aluno deve aprender a analisar criticamente tudo aquilo que lê, ouve e observa e não apenas decodificar, mas ler e produzir para além da superficialidade, não se detendo apenas a aspectos estruturais e gramaticais, mas ao que dizer, como dizer, sabendo se posicionar criticamente diante de questões sociais, adequando-se ao contexto, a linguagem e ao gênero discursivo.

3.1.1 Acerca do objeto de análise

As produções textuais dos alunos foram a culminância do nosso planejamento didático, visto que através delas pudemos observar não só o nível de aprendizagem dos alunos, como também avaliar o nosso trabalho. Assim, as produções escritas dos alunos nos permitiram ter um *feedback* das aulas e atividades desenvolvidas em sala, pois observa-se através desse material as dificuldades e deficiências apresentadas pelos discentes e o que, de fato, eles conseguiram apreender na aquisição do gênero discursivo e se conseguiram desenvolver as habilidades de leitura e de escrita.

Com isto, observamos nessa pesquisa se os textos dos alunos atingiram um nível, ou não, de suficiência na aquisição da escrita dos gêneros trabalhados, notícia e crônica jornalística. Para tanto, definimos alguns critérios de avaliação com base em três aspectos: nos conteúdos estudados em sala de aula para aquisição do gênero, na proposta de produção e na tabela de avaliação fornecida pela UEPB que serviu de orientação avaliativa para a correção das redações do vestibular 2014. Tendo em vista que está última abrange os outros dois aspectos, tomaremos como critério para avaliar e classificar o desempenho dos discentes em três níveis de aquisição da escrita do gênero discursivo, sendo o nível *insuficiente*, o *mediano* e o *suficiente*.

Critérios	Domínios avaliados
1. Pertinência às características do gênero	Apresentar o texto escrito de modo que corresponda aos padrões de composição de gênero determinado pela proposta indicada e suas condições de produção.
2. Coerência textual	Desenvolver procedimentos e estratégias de construção da sequência do texto, de forma que abranjam as condições de regularidade e funcionamento do texto, levando em conta a temática exigida.
3. Coesão textual	Demonstrar conhecimentos sobre o uso de recursos coesivos, de forma articulada, e que promovam o encadeamento das ideias.
4. Consistência dos argumentos ⁷	Apresentar e organizar informações e opiniões, de modo que exponham pontos de vista com argumentações pertinentes e consistente.
5. Aspectos gramaticais	Demonstrar domínio linguístico-gramatical no uso de aspectos exigidos pela norma da língua padrão.
6. Adequação vocabular e escolha lexical	Mostrar domínio lexical, de maneira que as condições de escolha das palavras na sua perspectiva lexical sejam usadas, em função da clareza de sentido na construção do texto.

QUADRO 01: Tabela de avaliação das redações do vestibular UEPB 2014

⁷ Tal critério de avaliação, na análise da notícia produzida por um aluno será substituído pelo critério: desenvolvimento das perguntas do *lead* (para avaliar se o texto apresenta e responde de forma organizada as perguntas: o que? quem? quando? como? por quê? onde?).

Para análise selecionamos três textos (do total de sete, sendo três crônicas e quatro notícias) produzidos pelos alunos do projeto PIBID- Nas trilhas da língua portuguesa: o texto em foco foram selecionadas duas crônicas e uma notícia, classificadas nos três níveis já citados. Dessa forma, o texto a seguir trata de uma crônica jornalística e foi classificada como *insuficiente* na aquisição do gênero e no desenvolvimento da atividade de escrita.

Tema: Direitos de Liberdade

A Falta de Segurança nos transportes Públicos.

Vivemos em uma sociedade em que não podemos sair tranquilos de nossas casas por não termos tanta segurança em nossa cidade. Já vimos muitas coisas nos jornais e na televisão, de assaltos em ônibus super lotados, pessoas que são assaltadas nas Ruas e até mesmo nas próprias escolas. Sabemos que a segurança é um direito nosso, mas este dever não está sendo tão cumprido pelas autoridades.

No dia 2 de outubro de 2013, presenciei uma mulher sendo assaltada por um homem no ônibus. A vítima reagiu ao assalto e no mesmo momento um policial apareceu, que também estava no ônibus segurando o celular da senhora e autou o indivíduo que tinha roubado.

A exemplo desse falta de segurança podemos falar que a maioria dos transportes públicos não tem policiamento para nos proteger.

O governo precisa tomar providências sobre esta situação e nós, como cidadãos, temos que ajudar para construir um futuro melhor usando nossa liberdade de expressão, mostrando nossa indignação sobre esse problema, fazendo com que nossos direitos que são assegurados pela constituição sejam realmente cumpridos.

FIGURA 01: Produção textual - crônica jornalística

O que primeiro observamos no texto da Figura 01, como visto na tabela, é que o aluno conseguiu em sua produção atender para as características do gênero “crônica jornalística”. Neste caso pudemos destacar do texto alguns trechos que mostram tais aspectos pertinentes ao gênero, como em “Sabemos que a segurança é um direito nosso. mas este dever não está sendo tão cumprido pelas autoridades” (1º parágrafo). Percebemos neste fragmento a opinião

do aluno mostrando sua insatisfação em relação às autoridades. Ainda é possível destacar dois outros trechos que nos revelam características pertinentes ao gênero em questão, em “*No dia 2 de outubro de 2013, presenciei uma mulher sendo assaltada por um homem no ônibus...*”; e em “*O governo precisa tomar providências sobre esta situação e nós, como cidadãos, temos que acordar para construir um futuro melhor usando nossa liberdade de expressão...*”, respectivamente (2º e 4º parágrafos). Observamos através desses fragmentos que o aluno utilizou um exemplo do cotidiano, para embasar sua opinião, no entanto, percebemos uma contradição no exemplo usado pelo aluno, pois este mostra a atuação da polícia. No terceiro parágrafo, pode-se inferir que o aluno tentou abordar o exemplo como uma exceção do que vem acontecendo nos transportes públicos, mas pela falta de elementos coesivos (critério de coesão textual), que explicassem a exceção e promovessem o encadeamento das ideias do texto, outros dois critérios foram prejudicados, a coerência textual e a consistência dos argumentos, visto que tal exemplo enfraqueceu a opinião defendida pelo discente.

Em relação ao fragmento extraído do 4º parágrafo, é notável a retomada que o aluno faz da posição inicial defendida por ele, sobre a falta de segurança, o discente também consegue abordar as duas temáticas trabalhadas nas aulas, sendo estas os direitos a liberdade de expressão e a segurança, mesmo trazendo uma solução previsível, o aluno dialoga com o tema e as discussões apresentadas em sala de aula, o que nos faz inferir que ele teve um desempenho melhor nas aulas de leitura e interpretação de textos. Contudo, avaliamos este texto como sendo *insuficiente*, pois, mesmo apresentando algumas das principais características do gênero crônica, possui sérios problemas de articulação do texto, com muitas inadequações no que se refere à utilização de recursos coesivos, gramaticais e lexicais, comprometendo o encadeamento das ideias.

Desse modo, o aluno não atentou para o uso adequado da linguagem, uma vez que levando em consideração que o texto será lido por outras pessoas (como foi abordado na proposta inicial) a linguagem deve ser clara e atender a norma padrão da língua, tendo em vista que é um gênero comumente publicado em revistas e jornais e acessível a todos os públicos leitores, a linguagem precisa estar adequada para que todos possam ler e compreender o que foi escrito.

Em contrapartida, na análise do segundo texto, que também é uma crônica jornalística, percebemos um desempenho melhor do aluno em relação aos aspectos linguísticos e gramaticais. Este foi classificado com um desempenho *mediano*, na aquisição do gênero textual, como veremos a seguir:

Tema: Direitos do cidadão: Segurança.

Insegurança nos bairros de Campinas grande.

A violência tem aumentado a cada dia mais por causa da insegurança nos bairros de Campinas grande, isso tudo ocorre pela falta de policiamento nas ruas, principalmente no bairro do Pedregal.

No dia 03 de novembro aconteceu um ^{ano} que aconteceu uma chacina no bairro do Pedregal envolvendo 4 vítimas entre elas, um adolescente de 12 anos e os outros 3 maiores de idade, ambas mortes a tiros.

Os suspeitos de crime provavelmente moram no próprio bairro. Apesar dos policiais estarem há muito tempo a procura dos acusados, só depois de um ano é que conseguiram identifica-los, mas ainda não conseguiram prendê-los.

Com isso, percebemos que a polícia não está conseguindo solucionar todos os casos de violência em nosso bairro. Existem algumas iniciativas para minimizar o problema da violência, como a unidade de polícia que existe no bairro, porém, mesmo com essa unidade, percebemos que não há segurança, mas vemos os policiais fazendo rondas, nem se empenhando em solucionar os casos.

FIGURA 02: Produção textual - Crônica jornalística

Observando esta segunda produção, percebemos um desempenho melhor em relação à produção analisada anteriormente, no que diz respeito aos critérios de coesão textual, por exemplo, notamos que o texto é bem articulado e possui uma boa organização no que se refere ao uso de elementos coesivos. Por conseguinte, no 4º parágrafo o aluno o introduz utilizando o elemento de coesão “com isso” que expressa o sentido de consequência e explicação do que foi exposto antes. Outro elemento de coesão também usado nesse parágrafo é “porém”, utilizado pelo aluno para indicar uma ressalva ao que foi dito. Também em relação aos

critérios de adequação vocabular, aspectos gramaticais e de coerência textual, nota-se um bom desempenho por parte do discente, já que o texto apresenta uma estrutura sintática organizada, sem muitos desvios gramaticais, de pontuação e ortográficos, empregando um registro linguístico adequado ao gênero, visto que o texto deve possuir uma linguagem clara e acessível ao público leitor.

No que tange ao critério de pertinência às características do gênero, verificamos que o aluno compreendeu os principais aspectos característicos do gênero crônica, como o emprego da linguagem formal, também apresenta seu ponto de vista ao leitor, sobre a falta de segurança, característica observada no 1º parágrafo do texto, em que o aluno expõe que o motivo para a falta de segurança nos bairros da Cidade é a “*falta de policiamento nas ruas*”. Nos parágrafos seguintes o aluno apresenta outra característica do gênero, apresentando fatos do cotidiano para embasar seu posicionamento inicial. Desse modo, podemos constatar que o aluno também atentou para a proposta de produção, visto que este relatou em seu texto um fato ocorrido em sua própria comunidade.

No entanto, o que nos fez classificar este texto como *mediano*, diz respeito ao critério de consistência dos argumentos, pelo que observamos no texto o aluno expõe seu ponto de vista, contudo, não o desenvolve com argumentos consistentes, fazendo apenas considerações próximas do senso comum, como em “*Com isso, percebemos que a polícia não está conseguindo solucionar todos os casos de violência em nosso bairro*” (parágrafo 4º). É perceptível ao longo do texto que o discente não aborda o tema proposto, visto que este teria que falar sobre os direitos do cidadão e apenas citou a questão da falta de segurança. Este aspecto foi apontado no texto anterior como um ponto positivo, por abordar a temática dos direitos do cidadão. Dessa forma, como o discente não desenvolveu o seu ponto de vista e o tema de forma satisfatória, a progressão textual foi prejudicada.

Dando prosseguimento, o terceiro texto analisado obedece à estrutura de uma notícia e foi classificado como *suficiente* na aquisição do gênero, pelos critérios que veremos na sequência:

Tema: Direitos da cidadania

Caminhada Pela Paz Reúne a Comunidade do Bairro do Pedregal.
 Evento organizado pela Escola Monte Carmelo reuniu cerca de 500 pessoas nesta manhã de segunda-feira 04 de novembro de 2013 / 15h.36.

Cerca de 500 pessoas se reuniram na manhã desta segunda-feira, dia 30 no Bairro do Pedregal em companhia Grande para uma manifestação contra os atos de violência que continuam ocorrendo recentemente. Esta manifestação foi organizada pela Escola Monte Carmelo e recebeu a ajuda da comunidade e do 2º Batalhão de Polícia Militar.

A "caminhada pela paz" teve início na Escola Monte Carmelo e percorreu as principais ruas do Bairro do Pedregal.

Em uma manifestação pacífica e silenciosa as pessoas presentes fizeram um abraço coletivo em frente da Escola e com o slogan "Monte até dez" estampado em camisetas e cartazes produzidos pelos alunos chegaram mensagens de paz para a comunidade.

FIGURA 03: Produção textual - notícia

Os critérios que primeiro destacaremos na análise desse texto serão o de pertinência às características do gênero e o desenvolvimento das perguntas do lead, visto que se trata de uma notícia. Neste aspecto, inferimos que o aluno foi bem sucedido na aquisição do gênero, de tal forma que percebe-se total domínio do gênero textual produzido, pois o texto apresenta todas as características pertinentes à notícia, tais como, a linguagem objetiva, clara e precisa, possui todas as partes constituintes do gênero, como a manchete, o título auxiliar e o corpo do texto, bem como responde a todas as perguntas do lead de forma ordenada e possui a estrutura de

pirâmide invertida, visto que no 1º parágrafo do texto observamos todas as informações mais relevantes, como também as respostas a todas as perguntas que compõem o *lead* da notícia.

Nos parágrafos seguintes que compõem o corpo da notícia, o aluno consegue desenvolver as informações, expondo de uma forma mais detalhada os acontecimentos mencionados no parágrafo anterior. Além disso, em relação aos outros critérios de coesão e coerência textuais, aspectos gramaticais e adequação vocabular e escolha lexical, notamos que o texto possui raros desvios ortográficos, gramaticais e de pontuação e possui uma boa estrutura sintática. Observamos também que o discente abordou o tema proposto, visto que a notícia relata uma manifestação contra a violência, de forma a obedecer ao gênero notícia. Dessa forma, o aluno utilizou um fato ocorrido em sua comunidade “*a caminhada pela paz*”, para abordar a temática, atentando desse modo, também para as condições de produção fornecidas inicialmente.

Por fim, mesmo que aparentemente o gênero notícia pareça mais fácil de ser apreendido pelos alunos, se comparado à crônica, observamos que por ser um relato preciso e objetivo dos fatos, linha tênue que o separa de outros gêneros que possuem características semelhantes, como a reportagem, os alunos correm o risco de narrar os acontecimentos de forma mais detalhada, utilizando depoimentos e exemplos, o que configura o tangenciamento do gênero proposto. Este aspecto foi observado na análise de outras notícias que não compõem este *corpus* de análise, mas que abordamos nesta pesquisa como uma ressalva a se fazer para o estudo do gênero notícia. Com isto, percebemos neste terceiro texto analisado que o aluno desenvolveu de maneira *suficiente* a proposta de escrita atentando para todos os aspectos que compõem esta atividade, sejam eles linguísticos e textuais.

Também é importante salientar que identificamos nos textos analisados marcas das leituras e discussões realizadas nas aulas, pois observamos que os alunos desenvolveram o tema proposto, uns mais que outros, porém é perceptível a interlocução com os textos lidos em sala. Isto nos faz concluir que a maioria deles teve um desempenho satisfatório da habilidade de leitura e interpretação textual, visto que esta exerce uma influência significativa sobre a atividade de escrita. Desse modo, os critérios que mais avaliamos como negativo nos textos analisados foram os que dizem respeito aos aspectos linguísticos e gramaticais. Já em relação aos aspectos textuais, percebemos que os três textos possuem características peculiares ao gênero produzido.

Contudo, a avaliação foi entendida neste estudo, não como um instrumento de medida para aprovar ou reprovar as produções dos alunos, nem muito menos com o intuito de formarmos jornalistas, mas como um parâmetro do trabalho desenvolvido em sala de aula,

visto que esta nos permitiu observar as maiores dificuldades e os sucessos obtidos na aquisição da escrita de determinados gêneros, podendo, dessa forma, nortear futuras atividades com o uso da linguagem, dando prioridade às deficiências dos alunos, para assim, contribuir no desenvolvimento e na formação de bons produtores de textos.

Nesses termos, o professor assume o papel de mediador das aprendizagens dos alunos, pois ao tomar conhecimento do que o discente está ou não aprendendo, pode modificar o resultado de suas ações de ensino e atuar de formas diferentes, auxiliando os discentes de acordo com suas maiores dificuldades. Luckesi (1996) aponta que a avaliação deve permitir uma tomada de decisão sobre os aspectos que permeiam o processo de ensino-aprendizagem, tendo como objetivo proporcionar uma melhora nas aprendizagens discentes, sendo este o papel da avaliação formativa, o que significa entender que cada aluno possui níveis de conhecimentos diferentes, isto é, possui seu próprio ritmo de aprendizagem. Dessa forma, todos os momentos e possibilidades de aprendizagem devem ser considerados no processo avaliativo.

3.2 Avaliando a *práxis* docente: a autoavaliação

Avaliar a própria postura e a prática é uma forma do docente crescer e se aprimorar enquanto educador. O processo de autoavaliação é uma grande aliada para o ensino, visto que ela permite melhorar as práticas do professor em sala de aula e, desse modo, atingir os objetivos da aprendizagem. Conforme Medrado (2009, p. 104), “a ideia básica de autoconfrontação simples é que o professor se volte para a sua aula, analisando-a e estabelecendo parâmetros avaliativos que possam resultar na reconstrução das ações, para com ela aprender e aperfeiçoar-se”. Portanto, não cabe somente ao aluno ser avaliado, contudo, o educador também precisa se debruçar e refletir sobre sua didática para que possa aprender com os erros, intervir em falhas do processo de ensino e evoluir contribuindo para o aprendizado dos alunos.

Visto isso, pretendemos nessa pesquisa avaliar a nossa postura enquanto professora em formação, vislumbrando o melhoramento de futuras práticas docentes. Nesse sentido, ao fazer essa autoavaliação, observei a forma como conduzi as aulas e atividades, se a metodologia proposta foi aplicada corretamente, se o resultado foi satisfatório, a forma como interagi com os alunos e se estes corresponderam à interação.

Assim sendo, pude perceber que algumas de minhas práticas precisam ser reconstruídas, como, por exemplo, ao analisar a forma em que foi desenvolvida a atividade de

reescrita dos textos dos alunos, percebi que podia ter construído uma interação entre os educandos e seus respectivos textos, não só adotando a prática da autorrevisão, como se procedeu, mas fazer com que os mesmos percebessem os erros comuns a todos e gerar um diálogo entre os alunos, visto que sozinho, o aluno, muitas vezes, não consegue enxergar os equívocos que cometeu em seu texto, mas interagindo com o outro não só percebem tais equívocos, bem como se promove um ambiente de ajuda mútua por parte dos que estão inseridos neste processo. E a aprendizagem é adquirida como resultado da interação dialética entre os indivíduos, que compartilham conhecimentos e trocam experiências na construção do saber.

Outra prática que precisa ser reavaliada em minha atuação diz respeito aos momentos de interação com os alunos, visto que na tentativa de instigar a participação dos discentes em sala de aula foram feitas inúmeras atividades de leitura e discussão dos textos lidos nas aulas, em que se insistia bastante na participação deles, mesmo sem os alunos corresponderem à proposta de interação. Com isto, percebi que o professor deve ter o controle das ações em sala de aula e saber quando é o momento certo de interagir e de intervir, sem tornar a atividade de interação um “fardo” para os alunos, para que estes não se sintam obrigados a participarem das aulas, mas consigam interagir de forma espontânea e expor suas dificuldades sem nenhum constrangimento.

Contudo, há aspectos da prática em sala de aula que merecem destaque por terem sido experiências bem sucedidas, visto que também se pretendeu nessa pesquisa partilhar experiências que vislumbrem o aprimoramento de práticas docentes. Desse modo, um dos pontos que destaquei como positivo em minha prática docente, foram às aulas em que se proporcionou aos discentes a oportunidade de ler e interpretar textos que circulam socialmente e que possuem grande relevância, tendo em vista as finalidades a que estes textos se destinam e a possibilidade de se refletir sobre questões que permeiam nossa sociedade.

Assim, ao fazermos as leituras de determinados gêneros da esfera jornalística, promovemos com os alunos momentos de reflexão e discussão, acerca das informações que chegam ao nosso conhecimento todos os dias, logo, os educandos puderam inferir que antes de acatar todo o tipo de informação que os meios de comunicação veiculam, devemos refletir e analisar de forma crítica essas informações para assim, emitirmos nossa opinião sobre elas.

Outro ponto que merece destaque em minha prática foi às atividades desenvolvidas em sala de aula para ajudar os alunos a desenvolver o senso crítico e a argumentação, visto que estes possuíam grande dificuldade em se expressarem na frente da turma. Assim, elaboramos algumas atividades, como a “oficina de cartazes”, para que os discentes pudessem expor suas

opiniões e argumentos sobre determinado tema, através da escrita e posteriormente ao apresentarem para a turma suas produções, eles tiveram a oportunidade de oralizar seus argumentos. Com isto, percebe-se que o espaço da sala de aula é bastante heterogêneo e imprevisível, cabendo ao professor perceber as dificuldades apresentadas pelos alunos e auxiliá-los na superação das mesmas. E através dessas atividades, possibilitamos aos aprendizes desenvolver as capacidades discursiva e argumentativa.

Nesse sentido, conclui que o espaço da sala de aula é imprevisível, em que situações inesperadas podem acontecer a todo instante, tornando o ambiente escolar um espaço de construção e reconstrução das práticas de ensino. Medrado (2009, p. 109) argumenta que “nenhum profissional interpreta a sua prática sem propor formas alternativas de ação, ou seja, sem reconstruí-las”. Dessa maneira, cabe ao professor avaliar suas práticas visando o seu aperfeiçoamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por serem os gêneros discursivos textos que estão veiculados a nossa vida diária com padrões sociocomunicativos é que podemos dizer que os gêneros, na realidade, são fatos sociais profundamente associados à vida sócio-histórica de cada indivíduo. Dessa forma, tornou-se compreensível a importância que os gêneros discursivos possuem para a inserção do indivíduo na sociedade. Assim, diante dessas reflexões traçadas a respeito dos gêneros, defendemos, nesta pesquisa, a tese de que o ensino de língua deve pautar-se no estudo dos gêneros do discurso (proposta dos PCN para o ensino de língua materna), com vistas para o planejamento e aperfeiçoamento de práticas que permitam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita nos alunos.

Desse modo, o objetivo do ensino de língua deve ser o de formar cidadãos que sejam capazes de se expressar de forma adequada e competente, na produção de gêneros orais e escritos, bem como que saibam ler, interpretar e se posicionar criticamente perante questões sociais, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade, ajudando na construção e transformação social. Em vista disso, elaboramos uma proposta didática que privilegiou o ensino dos gêneros jornalísticos (notícia e crônica), dado que são textos de grande relevância e circulação na sociedade, além de nos permitirem o contato com diversos tipos de discursos, pois possuem em sua constituição o caráter informativo, opinativo, interpretativo etc.. Por conseguinte, os gêneros da esfera jornalística não possuem apenas a intenção de informar o leitor, mas, principalmente, buscam levá-lo à uma reflexão acerca dos problemas sócio-históricos e culturais nos quais todos nós estamos imersos.

A partir do exposto acreditamos que o nosso objetivo inicial, de desenvolver as habilidades de leitura e escrita nos discentes, através dos gêneros discursivos, foi alcançado, uma vez que os discentes obtiveram um desempenho positivo em diferentes habilidades, pois mesmo que em algumas atividades de escrita alguns alunos não tenham demonstrado um desempenho satisfatório, isso não significa dizer que eles não devem ser expostos a grande variedade de gêneros existentes na sociedade.

Dessa maneira, notamos que uma abordagem mais produtiva dos gêneros é aquela que privilegia atividades que envolvam a leitura e a escrita, por conseguinte, é por meio da diversidade de abordagens que possibilitamos aos alunos desenvolver suas habilidades. Em suma, reafirmamos que a leitura e a escrita são atividades que estão profundamente interligadas de tal forma que um bom desempenho em uma contribui para a produtividade da outra.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. *Aula de português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.
- AQUINO, A. F.; PIMENTA, M. C. L. *Leitura e a interpretação de texto*. Olhar Científico – Faculdades Associadas de Ariquemes, Rondônia, v. 01, n. 2, ago./dez. 2010. Disponível em: < <http://www.olharcientifico.br> >. Acesso em: 13 dez. 2013.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BASTOS, L. K. X; MATTOS, M. A. B. A linguística aplicada e a linguística. In: *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas: Instituto de estudos da linguagem – Unicamp, v. 22, 1993. Disponível em: < <http://www.iel.unicamp.br> >. Acesso em: 10 jan. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio): Parte II- Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Secretária de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- _____. Ministério da Educação e Cultura. *Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRONCKART, J. P. *Atividade de linguagem, textos e discurso: por um interacionismo sociodiscursivo*. 2. ed. São Paulo: EDUC, 1999.
- BUENO, L. *Os gêneros jornalísticos e os livros didáticos*. São Paulo: Mercado de Letras, 2011.
- CÂNDIDO, A. *Para gostar de ler – Crônicas*. v. 5. São Paulo: Ática, 1992.
- DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- GARCEZ, L. T. M. C. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HAYDT, R. C. C. *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Ática, 2000.
- LUCKESI, C. C. *Avaliação da aprendizagem escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- MARCUSHI, L, A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONISIO, A, P BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 19-36.

MEC/SEB. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Conhecimentos de Línguas Estrangeiras; Conhecimentos de Espanhol. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2006.

MELO, J. M.; GOMES, P. G. *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

MENEZES, G. (Org.). *Como usar outras linguagens na sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

MEDRADO, B. P.. Imagens no Espelho: reflexões sobre a prática docente. In.: PEREIRA, R. C.; ROCA, P. (Orgs.). *Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 91-112.

Novo Manual da Redação. *Folha de S. Paulo*. São Paulo: Editora *Folha* de São Paulo, 1992.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática*. São Paulo: Parábola, 2010.

PARAÍBA. Secretária de Educação e Cultura. *Referências Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, códigos e suas tecnologias*. João Pessoa, 2006.

PEREIRA, R. C. M. *Entre teorias e práticas: o que e como ensinar nas aulas de português*. João Pessoa, PB: Editora Universitária da UFPB, 2011.

ROJO, R.; CORDEIRO, G. S. Apresentação: Gêneros orais e escritos como objetos de ensino: modos de pensar, modo de fazer. In: SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

SILVA, M. L. M. *Elomar e Zezé de Camargo e sua traduções musicais dos sertões do Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 2004. Dissertação de Mestrado em Letras- Subarêa: língua portuguesa-orientada pela professora Dra. Darcília Simões.

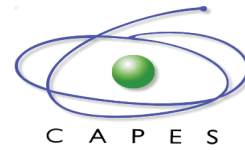
SILVA, F. M. Gêneros jornalísticos para a prática em sala de aula. REVELLI – *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas*. v. 2, nº. 2, outubro de 2010. Disponível em: < www.ueg.inhumas.com/revelli >. Acesso em: 07 jan. 2014.

SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. In: *Revista Brasileira de Educação*. nº 25, Jan/fev/mar/abr, 2004.

THIOLLENT, M. *Metodologia da Pesquisa-Ação nas Organizações*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

XAVIER, M. M. A escrita dos gêneros jornalísticos notícia e reportagem: características linguísticas e funcionais. In.: SILVA, M. F. (Org.). *Nas trilhas da transdisciplinaridade: aspectos linguísticos, literários e interculturais e metodológicos linguístico-literários*. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 124-135.

APÊNDICE



PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA - PIBID

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB

**ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO MONTE
CARMELO**

COORDENADORA ÁREA DE LETRAS: MAGLIANA RODRIGUES

SUPERVISORA: ZUILA KELLY

**ALUNAS: ALANNE DE PAULA BARBOSA; LUCIANA VIEIRA ALVES;
MARCIANA DA SILVA MILÂNEZ; RENALLY ARRUDA MARTINS DE LIMA**

“NAS TRILHAS DA LÍNGUA PORTUGUESA: o texto em foco”

PLANEJAMENTO DIDÁTICO:

Gêneros textuais: Crônica Jornalística; Notícia; Charges e Música

Nível: Ensino médio

Tempo sugerido: Um mês e uma semana - quatro horas semanais

Temática: O Universo Jornalístico

Objetivos:

- Proporcionar o desenvolvimento sócio-discursivo dos discentes;
- Facilitar a capacidade de interpretação dos alunos;
- Promover o posicionamento crítico dos alunos diante dos problemas presentes em nossa sociedade;
- Trabalhar a oralidade e a escrita com os alunos através de produção textual e discussões sobre o tema “Cidadania- Os direitos do cidadão”;
- Incentivar a participação e opiniões dos discentes através dos gêneros jornalísticos;
- Refletir sobre as temáticas apresentadas, instigando a participação dos alunos;
- Conhecer as características dos gêneros textuais trabalhados: Crônica Jornalística e Notícia;
- Compreender os efeitos de sentido através da leitura e interpretação do gênero charges;
- Trabalhar os elementos da narrativa no gênero- Notícia.

Planejamento didático

Módulo I: O Universo Jornalístico

1º Momento

- Dinâmica para conhecer os alunos;
- Dinâmica para introduzir o tema –“*Cidadania é...*” Os alunos deverão em um mural deixar as marcas de suas mãos e em uma palavra tentar definir o que é cidadania para eles, após esse momento cada aluno irá explicar o porquê da escolha dessa palavra;
- Recepção dos alunos;

2º Momento:

- Levar o vídeo “o que é cidadania” para que os alunos possam compreender a temática e com isso, começar a trabalhar os direitos do cidadão;
- Levar a Crônica “Brasileiro” de Arnaldo Jabor, para discutir sobre os direitos do cidadão;

3º Momento

- Levar a música “Que país é esse” de Legião Urbana para falar do papel do jovem na sociedade ao longo do tempo, bem como, do direito garantido pela constituição à liberdade de expressão;
- Apresentar o vídeo do programa globo repórter sobre as manifestações, para mostrar a atuação dos jovens na sociedade desde a época da ditadura militar até os dias atuais. E mostrar a liberdade de expressão que foi conquistada e hoje é um direito garantido pela constituição;
- Solicitar aos alunos a seguinte pesquisa para a próxima aula: procurar alguns cartazes que foram utilizados nos protestos recentes do Brasil.

4º Momento

- Levar charges que abordam a liberdade de expressão;
- Apresentação da pesquisa feita pelos alunos sobre os cartazes produzidos pelos manifestantes nos protestos;
- **Objetivo:** fazer a interpretação e discussão das charges e dos cartazes, atentando para o tema e os efeitos de sentido presentes nestes textos;
- Levar a crônica jornalística “Análise dos motivos para as atuais manifestações dos jovens pelo país”, de João Pedro Roríz, para trabalhar os direitos do cidadão e discutir as suas reivindicações através dos protestos. Além de realizarmos a discussão do texto, abordaremos os aspectos relacionados à estrutura do gênero textual em questão.

5º Momento

- Levar o vídeo humorístico “Propaganda política” de Fábio Porchat, para mostrar a liberdade de expressão que conquistamos e hoje é um direito garantido constitucionalmente;
- Reproduzir a música “Como nossos pais” de Elis Regina que fala sobre a época de ditadura e censura, e quando ainda não tínhamos o direito à liberdade de expressão, garantido pela constituição;
- Levar a crônica jornalística “O que as urnas farão com as ruas?” de Ruth de Aquino, para encerrar a discussão sobre a subtemática “direito a liberdade de expressão”.
- Promover uma Oficina de cartazes: os alunos produziram cartazes, para uma campanha a favor da liberdade de expressão.

6º Momento

- Criando a notícia- Dinâmica “É tudo improviso”. Nessa dinâmica a sala será dividida em dois grupos, nos quais duas pessoas serão selecionadas para atuarem como apresentadores de um jornal. Serão expostas três caixas à frente dos apresentadores, porém o restante do grupo irá utilizá-las para auxiliar na construção da notícia. Na primeira caixa haverá objetos diversos, na segunda, os direitos do cidadão e na terceira caixa palavras que podem ou não ter relação com os direitos. Os alunos farão o sorteio desses itens à medida que o jornal for sendo apresentado pela a dupla, esta por sua vez aproveitará os elementos sorteados para criar notícia, fazendo uma improvisação;
- **Objetivo:** Introduzir o gênero textual notícia, bem como desenvolver a criatividade dos alunos através da improvisação e raciocínio rápido.
- Introduzir a subtemática “direito a segurança” levando a notícia “Onda de violência em escolas preocupa secretarias; Educação anuncia projeto de segurança” de Cardoso Filho, para falar da questão da segurança pública em nosso país.

7º Momento

- Levar charges que abordem o tema da segurança pública e a violência no Brasil;
- Reprodução do vídeo sobre a pacificação nas favelas do Rio de Janeiro, para abordar as iniciativas do estado para garantir a segurança e discutir o porquê dessas pacificações não terem ocorrido há mais tempo;
- Levar a notícia “Caminhada pela paz reúne amigos e parentes de vítimas da violência urbana em SP” de Bruno Deiro e fazer a discussão sobre a segurança pública no Brasil, bem como, da violência gerada pela falta dela.

8º Momento

- Conteúdo da aula: Trabalhar a estrutura do gênero notícia através dos textos trabalhados anteriormente;
- Justificativa: Explanaremos o conteúdo sobre notícia nesse momento, por ser um conhecimento necessário para a continuidade das atividades e para produção que se sucederá;
- Propor a seguinte atividade: Dividir a turma em dois grupos e dá a cada um as perguntas do *lide* para que eles respondam de forma criativa produzindo situações

inusitadas. Em seguida, os alunos irão trocar as questões respondidas para que o outro grupo organize a notícia a partir dos dados fornecidos pelo grupo oposto;

- Objetivo da dinâmica: Observar se os alunos apreenderam o conteúdo abordado e desenvolver a criatividade deles.

9º Momento

- Conteúdo da aula: Trabalhar os elementos da narrativa: fazendo uma comparação entre a notícia e um gênero literário, atentando para as diferenças na linguagem e na estrutura.

10º Momento

- Retomar a temática “O direito a segurança” com um vídeo sobre segurança pública e privada no Brasil; para mostrar que mesmo sendo um direito garantido aos cidadãos em nosso país, ainda é necessário investir em segurança particular, por não termos a devida proteção;
- Levar uma notícia atual sobre a segurança na cidade de Campina Grande ou na Paraíba, para discutimos sobre este tema no âmbito da nossa cidade.

11º Momento

- Conteúdo da aula: Fazer um quadro comparativo dos dois gêneros trabalhados na sequência: crônica jornalística e notícia, mostrando que ambos estão inseridos na esfera jornalística e possuem a linguagem e tipologia semelhantes, no entanto possuem estruturas diferentes;
- Propor a escrita dos gêneros trabalhados;
- Justificativa: tanto a escolha do gênero, quanto do tema será opcional, pois nosso objetivo é que os dois gêneros sejam produzidos, para serem publicados na revista do projeto que será organizada na próxima sequência.

12º Momento

- Realizar a reescrita dos textos.
- Observação: Ao fazermos a leitura e correção dos textos dos alunos levaremos para a sala e faremos uma correção coletiva, atentando para os problemas recorrentes na maioria dos textos para que eles façam a reescrita, bem como uma orientação individual para que eles tirem suas dúvidas com relação a correção e a reescrita.